



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A Intersubjectividade no Transgeracional
através de um Rorschach de aplicação
conjunta**

Márcia Alexandra do Carmo Fonseca

Orientador de Dissertação:
Prof^ª. Doutora Maria Emília Marques

Coordenador de Seminário de Dissertação:
Prof^ª. Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de

Professora Doutora Maria Emília Marques,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário
para obtenção de grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

O primeiro agradecimento que gostaria de realizar é aos principais intervenientes deste estudo, pela disponibilidade para a participação neste trabalho.

À Professora Doutora Maria Emília Marques, por ter orientado esta tese e pelo estímulo à reflexão e ao pensamento que possibilitaram um percurso de crescimento e a concretização deste trabalho.

À Ana e à Sandra, companheiras destas e muitas outras viagens, pelas angústias contidas, pelas alegrias partilhadas e pela amizade sincera de sempre.

Aos meus pais e ao meu irmão, pelo apoio e encorajamento, e pela paciência nos momentos em que estive menos disponível.

Aos meus amigos pela compreensão e pelo estímulo, em especial à Marília pelos muitos momentos partilhados.

Ao Sérgio, porto seguro da minha vida, pela presença e carinho constantes.

Resumo

Este estudo foi construído sobre o entendimento teórico do sujeito psicológico enquanto parte integrante de um grupo alargado, nomeadamente, a família. Nas relações de interdependência, entre os seus membros constituintes, ocorre a transmissão transgeracional que, neste estudo, foi explorada através da compreensão da interdependência entre subjectividade e intersubjectividade.

Assente numa concepção psicanalítica do sujeito e através da articulação das ideias principais de Kaës, Faimberg, Badaracco e Ogden, ficou constituído o objectivo do presente trabalho: compreender como se interligam e se expressam as experiências da subjectividade e da intersubjectividade, enquadradas na transgeracionalidade, e acedidas através do método Rorschach.

De modo a alcançar este objectivo foram criados procedimentos de análise para o instrumento Rorschach, a partir da literatura sobre os processos de transmissão psíquica, e sobre a subjectividade e a intersubjectividade. A análise de um protocolo de aplicação conjunta a uma mãe e um filho foi realizado com recurso aos procedimentos criados, possibilitando assim o alargamento das potencialidades do instrumento neste tema.

Palavras-Chave: Transgeracionalidade, Intersubjectividade, Rorschach.

Abstract

This study was constructed on the theoretical understanding of the psychological subject as part of a wider group, particularly the family. In interdependent relationships among its constituent members, transgenerational transmission occur, which in this study was explored through the comprehension of the interdependence between subjectivity and intersubjectivity.

Based on a psychoanalytic conception of the subject and through the articulation of the main ideas of Kaës, Faimberg, Badaracco and Ogden, was established the objective of this work: to understand how the experiences of subjectivity and intersubjectivity connect themselves and how do they express, framed in transgenerationality, and accessed through the Rorschach method.

In order to achieve this objective, analysis procedures were created for the instrument Rorschach, from the literature about the processes of psychic transmission and about subjectivity and intersubjectivity. The analysis of a protocol with concurrent application on a mother and his son was conducted using those established procedures, enabling the extension of the instrument's capabilities in this area.

Key-Words: Transgenerational, Intersubjectivity, Rorschach

Índice

Introdução	1
1. Transgeracionalidade	
1.1. <i>O sujeito e o grupo</i>	4
1.2. <i>Os Processos Psíquicos na Transgeracionalidade</i>	8
1.3. <i>A (Inter)Subjectividade</i>	13
2. Objectivo do estudo	20
3. Metodologia	
3.1. <i>Tipo de Estudo</i>	22
3.2. <i>O Método Rorschach</i>	23
3.3. <i>Apresentação dos sujeitos</i>	26
4. Os Procedimentos de Análise	
4.1. <i>Subjectividade na e pela Intersubjectividade</i>	28
5. Apresentação e Análise dos Dados	
5.1. <i>Análise cartão a cartão</i>	32
5.2. <i>Inquérito</i>	39
5.1. <i>Os Psicogramas</i>	43
6. Discussão	46
7. Conclusão	52
Referências Bibliográficas	55
Anexos	
A – Protocolos Rorschach	59
B – Psicograma Conjunto	67
C – Psicograma Filho	68
D – Psicograma Mãe	69

INTRODUÇÃO

Tudo existe existe talvez porque outra coisa existe.

Nada é tudo coexiste: talvez assim seja certo (Fernando Pessoa)

A complexidade das relações familiares e as heranças que emergem dessas fundações constituíram um tema de interesse interlaçado, em vários nós, com o meu caminho passado e presente. As histórias passadas de determinados elementos da família herdadas sob a forma de presente, noutros elementos, configuram-se nas relações entre eles com diferentes formas e em diferentes dizeres (e por dizeres). Estas histórias que se vão descobrindo, ou redescobrindo, num tempo e num espaço próprios, despertaram a minha curiosidade, aguçada num encontro com o mundo da saúde mental e da psicose.

A observação das relações familiares no contexto de fundo da saúde mental possibilitou uma reflexão sobre os limites da definição de “loucura” e de “sanidade”, na medida em que parece que estes limites não se esgotam numa compreensão apenas individual. O encerramento no diagnóstico e a impossibilidade de ter um rosto alternativo à psicose, nos pacientes institucionalizados, encobrem, muitas vezes, a face deformada e reflectida no espelho. Este espelho assume a configuração de uma imago materna e reflecte as várias configurações da relação intersubjectiva. Como referia uma mãe sobre o seu filho institucionalizado: *“Eu já disse ao meu filho que, quanto mais ele me tratar mal ao telefone, mais depressa eu vou morrer”*. Esta revelação parece traduzir o objecto de interesse deste estudo por ilustrar as possíveis especificidades construídas na relação intersubjectiva.

A exploração pelo tema da transgeracionalidade conduziu-nos aos trabalhos de Kaës (2003) e, através dos mesmos, tornou-se possível uma compreensão sobre o modo como as ideias de transmissão psíquica foram evoluindo, desde os trabalhos de Freud até às teorias do grupo, do vínculo e do sujeito e de como estas se articulam, na assunção da reciprocidade, entre o espaço psíquico do grupo com o dos sujeitos que o constituem. A compreensão do inconsciente, das formações e dos processos que organizam o mundo psíquico grupal transportaram-nos para o conceito de vínculo intersubjectivo, a partir da ideia de que, através deste conceito, é possível abordar esta

relação, donde emergem os conceitos de identificação e aliança inconsciente, explorados por diferentes autores que se dedicaram ao tema da transmissão psíquica.

O desenvolvimento e a integração das ideias anteriores permitiram aprofundar os processos que explicassem as vias e os efeitos da transmissão psíquica entre gerações e chegar a outras, desenvolvidas por Abraham & Torok (1978, cit. por Correa, 2003), Faimberg (2006) ou Badaracco (1986), permitindo perceber as particularidades na abordagem destes processos.

Com as reflexões de Ogden (1992/2004) sobre autores como Winnicott, Bion ou Klein, e através dos trabalhos desenvolvidos por este, pudemos operacionalizar a concepção analítica do sujeito como uma teoria da interdependência da subjectividade e da intersubjectividade, onde o desenvolvimento do espaço subjectivo do sujeito reclama experiências particulares, que se desenvolvem no espaço intersubjectivo. Fomos assim clarificando e delimitando a ideia de que os processos de recriação da subjectividade pela intersubjectividade são inacabáveis e apresentam nos encontros mais precoces espaços de expansão e desenvolvimento, obedecendo a uma lógica de interdependência recíproca, e onde se encontram inerentes as possibilidades de desenvolvimento do espaço psíquico.

Esta abordagem da intersubjectividade na ligação com a transgeracionalidade constituiu a primeira parte deste trabalho, possibilitando um entendimento posterior sobre a centralidade destes e de outros conceitos, nas opções metodológicas e no desenvolvimento da análise e discussão dos resultados, especificados seguidamente.

Assim, no seguimento do acima enunciado, foi possível seleccionar os elementos que permitiram a constituição do objectivo do estudo, perceber como se interligam os processos de subjectivação e dispersão/ integração das subjectividades através: da natureza do continente em que se opera a simbolização; da qualidade da internalização da função alfa; da qualidade dos envelopes psíquicos e; das possibilidades de crescimento e expansão mental.

O Rorschach pareceu-nos assim uma metodologia adequada à prossecução dos objectivos do estudo, uma vez que, pela sua inscrição na teoria psicanalítica, está construído *“de forma a reenviar mais para dimensões internas, subjectivas e interpretativas”* (Marques, 1999, in Chabert, 2003) e permite o acesso aos processos mentais e à construção simbólica dos sujeitos, bem como às relações que o sujeito estabelece com os seus objectos internos e externos, num trabalho de transformação, ligação e recriação entre interno e externo (Marques, 1999).

Assim, através de uma aplicação conjunta do Rorschach a uma mãe e um filho, pretendemos analisar as questões que foram surgindo através da exploração pela literatura e autores abordados, procurando uma compreensão não encerrada na lógica da psicopatologia, mas que nos permitisse conhecer, sempre em aproximação, o sujeito psicológico, sob perspectivas alargadas de entendimento.

A discussão permitiu integrar os fenómenos que integramos nos objectivos do estudo e na teoria abordada, sendo o trabalho finalizado com a conclusão que permite a síntese do trabalho realizado, bem como as reflexões que surgiram no decorrer do mesmo.

1. Transgeracionalidade

1.1. O sujeito e o grupo

O conceito de transmissão psíquica entre gerações é actualmente central na clínica da terapia familiar psicanalítica e encontra-se intimamente ligado às teorias psicanalíticas de grupo e ao cruzamento das mesmas com as teorias do vínculo (Kaës, 2003).

Kaës (1993), um dos autores essenciais na investigação sobre a transmissão psíquica geracional, salienta o peso de um outro no decorrer do processo de subjectivação e, através da análise dos textos de Freud, destaca a importância da intersubjectividade na construção do mundo psíquico dos sujeitos. O sujeito descobre-se, identificando o outro e, assim, identificando-se e construindo-se a si mesmo. A tarefa de construção da subjectividade implica a metabolização da herança, no confronto com o outro que a transmite, fazendo-se sentir o papel da transmissão de forma negativa quando existe uma falha no processo de simbolização das figuras parentais.

No seu livro *Transmission de la vie psychique entre générations*, Kaës (1993) enuncia o interesse de Freud pelo conceito de transmissão, mostrando as suas linhas de investigação sobre este tema ainda que, na altura, sem o conceptualizar propriamente. Enfatiza a presença deste tema na obra de Freud desde os *Estudos sobre a Histeria* (1893/95) até *Análise Terminável e Interminável* (1937) e *Moisés e Monoteísmo* (1939) que se centram no debate da etiologia das neuroses e o seu processo de transmissão psíquica. A hipótese do autor é a de que no tema da transmissão, central na obra de Freud, reside o paradoxo do sujeito necessitar não apenas ser o centro de si, mas igualmente o elo de ligação entre gerações. Propõe quatro termos nos trabalhos de Freud, onde se poderá reconhecer o conceito de transmissão: 1) *die bertragung*, que designa o acto de transmissão ou transmissibilidade. A mesma palavra significa igualmente transferência enquanto processo de tradução e comunicação por transmissão; 2) *die vererbung*, para denominar o que é transmitido por hereditariedade ou herança; 3) *die Erwerbung*, referente às aquisições resultantes da transmissão; 4) *die Erblichkeit*, para indicar o que foi herdado.

Freud (1896,) defende que se deverá analisar a história pessoal do sujeito psiquicamente doente, afirmando que não é a hereditariedade que está na génese da

escolha da neurose que se instaura num elemento de uma família que estaria já predisposta à ocorrência e desenvolvimento da mesma. Esta ideia parece realçar as possibilidades de transformação do destino dos sujeitos, rejeitando a ideia de um fado em que a repetição seria um facto indelegável. Outro ponto importante ainda sobre a transmissão da neurose é o lugar ocupado pela transferência, que alude para a importância da intersubjectividade na vida psíquica individual. Com a análise da transferência seria possível identificar e quantificar o sujeito enquanto herdeiro, beneficiário e servidor.

Outra fase teria início, segundo Kaës (1993), com a *Interpretação dos Sonhos* (1900), onde Freud explora a ideia da transmissão inconsciente através da identificação do sujeito com o objecto ou a fantasia de desejo do outro.

Em *Totem e Tabu* (1912/13, cit. por Kaës, 1993), Freud introduz a noção da transmissão entre gerações do tabu e da culpa. Refere-se à transmissão entre gerações como inevitável e necessária: “*Se os processos psíquicos não se transmitirem de uma geração para a seguinte... não existiria, neste âmbito qualquer progresso ou desenvolvimento*” e citando uma frase de Goethe diz “*adquire o que herdaste dos teus pais para o possuíres*” (p. 193). Neste texto distingue entre o que é transmitido por identificação aos modelos parentais e a transmissão genérica, de traços da história prévia ao sujeito, das gerações anteriores.

Podemos assistir ainda em “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*” (1921), Freud (cit. por. Kaës, 2003) a tónica na presença da intersubjectividade na construção psíquica do sujeito através da ideia de que a construção subjectiva de um sujeito se relaciona com a identificação a um objecto, com sede nas relações mais primitivas da infância, “*a identificação é o eixo que ordena a estrutura libidinal dos vínculos intersubjectivos*” (Kaës, 2003, p.25).

E em “*Introdução ao Narcisismo*”, Freud (1914) apresenta os fundamentos narcísicos da transmissão psíquica entre gerações, destacando a ideia de quanto um filho poderá ficar aprisionado aos ideais narcísicos dos seus pais, sendo transformado numa extensão dos mesmos, inviabilizando a construção de uma singularidade esperada e tornando-o ao contrário, uma repetição da história materna e paterna.

A partir dos trabalhos de Freud, foram instauradas as ideias que forneceram as bases do desenvolvimento posterior das teorias psicanalíticas de grupo, com contribuições de diferentes autores e de diferentes países e correntes, nomeadamente e a título de exemplo: Slavson nos Estados Unidos, Bion e Foulkes em Inglaterra, Pichon-

Rivière na Argentina, Anzieu em França (Kaës, 2003). As investigações contemporâneas no campo das teorias psicanalíticas de grupo, através da abordagem das teorias do vínculo, constituem a articulação das teorias do grupo com as de sujeito, onde são reflectidas as relações de reciprocidade entre o espaço psíquico do grupo com o dos sujeitos que o constituem (op. cit.)

As teorias psicanalíticas de grupo, com desenvolvimentos muito diversos e em diferentes fronteiras introduzem a intersubjectividade numa problemática do sujeito singular como sujeito do grupo e sujeito do inconsciente, e partilham, segundo Kaës (2003), três orientações que passaremos a enunciar: 1) o grupo constitui o lugar de uma realidade psíquica que lhe é própria; 2) a importância do sujeito no grupo, isto é, a análise do vínculo intersubjectivo e dos aspectos da realidade psíquica que o grupo mobiliza nos sujeitos que formam vínculos no próprio grupo; 3) de que forma e sob que condições o grupo contribui para a organização da vida psíquica do sujeito.

Pichon-Rivière (1971, cit. por Kaës, 2003) propõe uma concepção do grupo articulando hipóteses psicanalíticas com hipóteses da psicologia genética e social. Propõe uma teoria do sujeito onde o concebe não só como um sujeito em relação, mas também como um sujeito fundado numa práxis *“não há nada nele que não seja o resultado da interacção entre indivíduo, grupo e classes”* (Kaës, 2003, p. 34). Simultaneamente apresenta a ideia de uma psicologia social em que o objecto de estudo é *“o desenvolvimento e a transformação de uma relação dialéctica entre a estrutura social e a configuração do mundo interno do sujeito, relação que é abordada através da noção de vínculo”* (op. cit.).

O conceito de vínculo intersubjectivo ganha assim relevo no contexto psicanalítico, a partir da ideia de este ser condição necessária na construção da subjectividade donde *“cada um é precedido pelo lugar que lhe é atribuído num conjunto intersubjectivo de que se torna sujeito”* (Kaës, 2003, p.91). Pichon-Rivière (1980, op. cit.) distingue dois campos psicológicos do vínculo: um campo interno respeitante a uma relação de objecto com um objecto interno, e um campo externo referente ao vínculo com um objecto externo, sendo que o interesse da psicanálise reside na estrutura interna do vínculo que nos permite aceder à relação de objecto.

O acesso à estrutura interna do vínculo seria realizado pela análise das identificações que, como referido anteriormente, seriam a matéria-prima do vínculo intersubjectivo e que o organizam em diversas formas, permitindo-nos assim aceder à interiorização da relação de objecto (Kaës, 2003).

A definição de identificação é definida por Freud (cit. por Kaës, 2003), em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, sob três dimensões sendo cada uma delas factor constituinte tanto da grupalidade intrapsíquica como do vínculo intersubjectivo: como a expressão primeira de um vínculo emocional com outra pessoa; como a colocação no sujeito de um elemento comum entre ele e o objecto quando opera o total desinvestimento sexual do objecto; e como o substituto regressivo de uma escolha de objecto abandonado (Kaës, 2003).

Kaës (2003) salienta o papel da identificação introjectiva enquanto processo primário pelo qual o recém-nascido estabelece um vínculo emocional com os seus objectos, enfatizando que é este tipo de identificação que permitira conservar o investimento narcísico e a relação com o objecto na ausência deste. Acrescenta que falhas na introjecção, que precederiam o desenvolvimento de outras formas de identificação como a identificação adesiva e a identificação projectiva na sua vertente patológica de cariz destrutivo, levariam a confusões de identidade organizando os vínculos grupais segundo um modo de fusão e não-separação.

Das teorias do grupo e das teorias do vínculo emerge uma questão central que consiste na compreensão do inconsciente, das formações e dos processos que organizam a psique de grupo e os vínculos que aí se estabelecem. Esta questão mantém-se ainda em aberto, embora as respostas se edifiquem nas investigações que têm sido realizadas nas últimas décadas, que têm por base a análise do retorno do recalcado, das transferências, da formação de sintomas e do discurso associativo. As alianças inconscientes seriam as organizadoras do vínculo grupal e da formação da realidade psíquica própria do grupo e são definidas por Jacques como as operações de recalçamento, de negação ou de rejeição, efectuadas pelos sujeitos do vínculo, para o benefício de cada um (Kaës, 2003).

Kaës (2003) define aliança inconsciente como *“uma formação psíquica intersubjectiva construída pelos sujeitos de um vínculo para reforçar em cada um deles alguns processos, algumas funções ou algumas estruturas produto do recalçamento ou da negação, ou do desmentido, e do qual tiram um tal benefício que o vínculo que os une adquire para a sua vida um valor decisivo”* (p.106).

Assim sendo, a natureza do vínculo e os processos de identificação constituem elementos explorados por diferentes autores e, tendo em conta o que foi referido anteriormente e sumariando podemos considerar que: - o inconsciente está presente e inscreve-se sob várias formas em todos os vínculos intersubjectivos, no próprio vínculo

e no inconsciente de cada sujeito; - como consequência do exposto anteriormente podemos admitir que o inconsciente de todos os sujeitos é marcado, tanto na sua estrutura como nos seus conteúdos, pelo inconsciente de um outro e de mais que um outro; - o grupo intersubjectivo assume-se como um dos lugares fundadores do inconsciente, onde as alianças inconscientes assentam não só em produtos inconscientes mas na aliança em si que produz e mantém o inconsciente, ao manter-se ela inconsciente; - é através destas alianças inconscientes que opera a transmissão da vida psíquica entre as gerações e entre os membros de um grupo (op.cit.).

Com base nestes pressupostos, foram vários os autores de inscrição psicanalítica que revelaram interesse em perceber os processos que explicassem as vias e os efeitos da transmissão psíquica entre gerações, na sua maioria inspirados em análises clínicas de pacientes onde puderam presenciar estes fenómenos de transmissão psíquica no grupo e mais concretamente, no seio do grupo familiar. Neste sentido, partimos para uma abordagem sobre estes processos e suas particularidades, especialmente relevantes para o presente estudo e para a constituição do objecto de estudo a que nos propomos.

1.2 Os Processos Psíquicos na Transgeracionalidade

Kaës (2003) distingue o que se transmite “entre sujeitos” e o que se transmite “através” deles. A primeira forma, segundo o autor daria conta de uma transmissão intersubjectiva que implica a existência de um espaço de transcrição transformadora da transmissão; por outro lado a transmissão transpsíquica supõe, ao contrário, a abolição dos limites e do espaço subjectivo.

A transmissão entre gerações poderá assim conter duas vertentes em si: uma construtiva, que favorece os sentimentos de pertença e segurança, situando o sujeito e o grupo familiar nas gerações. Por outro lado, a vertente do não elaborado que, fora do campo representacional, pode emergir na forma de diferentes perturbações. Assim, as formas actuais de patologia dos vínculos familiares interligam-se com acontecimentos passados, desde catástrofes sociais a eventos familiares traumáticos, vividos por gerações anteriores. Acontecimentos que não foram elaborados e significados, e persistem actualmente sob a forma dos seus efeitos (op. cit.).

Abraham e Torok (1978, cit. por Correa, 2003) são dois autores que inspiraram investigações posteriores, com as suas publicações sobre o trauma, onde este é visto com um fundamento narcisista, onde os aspectos psíquicos do outro, do objecto, se

embrenham e tomam parte da realidade do sujeito. Estes autores contribuíram, com as suas investigações sobre este tema, sobretudo para os que posteriormente se centram, no que concerne à transmissão psíquica, no conceito de segredo. Este segredo pode constituir tanto um crime, como uma perda de objecto que é vivida como uma ameaça narcísica e como tal, impossível de elaborar. A impossibilidade de elaborar esta perda iniciaria um processo de incorporação, por oposição a uma elaboração. A incorporação opera como uma forma de negação total do conflito, onde o sujeito para fugir a esta perda, conserva o objecto amado e odiado tal como é, sem o transformar, opondo-se igualmente à sua própria transformação. O objecto é mantido e conservado, com todo o seu psiquismo, os seus objectos e os seus afectos, criando um mundo fantasmático inconsciente que, segundo os autores “conduz a uma vida oculta e separada”. Esta incorporação pode dar-se através de uma fragmentação do Eu, que ficaria assim, parcial ou totalmente ocupado por este outro que permanece como um morto-vivo dentro da cripta que se formou no Eu. Os autores adiantam que esta formação pode igualmente ser transmitida a outra geração, na qual o fantasma da cripta emerge sob a forma de actos ou sinais, sintomas incompreensíveis para o sujeito, onde habita, que não possui as ferramentas necessárias para descriptar o segredo.

Eiguer (2003) propõe a existência de representações transgeracionais na família. Estas representações inconscientes do objecto, *objecto transaccional*, implicam ou não, a capacidade de transformação ao longo das gerações. Para este autor, nos meandros dos processos alienantes da transgeracionalidade, estariam identificações atributivas, nas quais o pai atribui ao filho uma vivência sua, um traço seu ou uma representação dos seus objectos internos e que se constituiriam tão estruturantes, quanto desorganizantes do Eu. O sujeito seria assaltado por lutos muitos difíceis, inundado por acidentes traumáticos que atingiram os seus pais ou avós, vivendo-os como seus.

Debrucemo-nos agora sobre as contribuições de Heidée Faimberg para este tema, sobre as quais basearemos o presente trabalho.

Faimberg (2006), através da análise do caso Mário, aborda o conceito da transgeracionalidade, nomeadamente no que concerne aos conteúdos e aos processos psíquicos que podem ser transmitidos através das gerações e de que forma estes operam no mundo psíquico dos sujeitos. Através da análise da transferência e da contra-transferência, pôde perceber a presença de histórias que não pertenciam ao paciente e que o próprio desconhecia, que se relacionavam directamente com o seu funcionamento psíquico actual. A “*Telescopagem de Gerações*”, conceito introduzido pela autora,

referir-se-ia a esta forma particular de identificação inconsciente, revelada na transferência, em que se verifica no sujeito, a presença de uma história que, pelo menos parcialmente, não pertence à sua geração.

Na sua análise coloca duas questões fundamentais: 1) Como se explicam os processos de transmissão de uma história que, apesar de já não fazer parte da vida do paciente, aparece como constituinte da sua vida psíquica? 2) Como acontece e de que forma prevalece a condição duplamente contraditória de um aparelho psíquico que parece vazio e ao mesmo tempo “demasiado cheio”?

Baseando-se no conceito de narcisismo proposto por Freud, nas ideias de que a criança pode permanecer prisioneira dos ideais narcísicos dos seus pais e que a relação de objecto poderá ser a herdeira deste narcisismo, defende que, para o reconhecimento da criança como ser único e separado, os pais teriam que eles próprios reelaborar activamente o seu narcisismo, condição que permite que a criança alcance verdadeiramente o Édipo, reconhecendo a diferenciação de géneros e gerações (Faimberg, 2006).

Define narcisismo como *“o amor que o ego dirige a si próprio e aos seus objectos, baseado na ilusão de ser o dono e o centro do mundo. Este amor é investido no ego que é amado como um objecto, sendo que este amor e esta ilusão estão ligados à constituição do próprio ego”* (op. cit., p. 31).

Assim sendo, o narcisismo necessita de ser aprovado pelo outro, apresentando um carácter contraditório podendo, desta forma, ser abordado como um conflito intrapsíquico. O conceito reclama uma auto-suficiência que necessita de um outro para a confirmar.

A relação seria simultaneamente uma relação de objecto e uma relação narcisista. A relação de objecto narcisista não tolera qualquer coisa por parte do objecto, que não evoque prazer. O ego seria o equivalente do prazer e o não-ego, o do desprazer. Assim sendo, quando o sujeito sente sentimentos que não evoquem prazer, tenderá a expulsá-los do ego e quando o objecto não lhe proporcione prazer tenderá a odiá-lo (Faimberg, 2006).

Os pais inconscientes, que aparecem na transferência, revelam-se como algo impresso na realidade psíquica do paciente. Muitas vezes existe uma identificação deste com os seus “pais internos” e deste modo, o próprio sujeito funciona de um modo narcisista. Faimberg defende assim, a presença de uma identificação alienada ou

dividida do ego, na medida em que a sua origem é encontrada na história do outro (op. cit.).

O narcisismo filial seria afectado por uma regulação narcisista de objecto através das funções que a autora designou de *intrusão* e *apropriação narcísicas*. Na função de *apropriação*, atribuindo a si próprios, tudo o que amam no filho, apropriam-se da identidade positiva do mesmo e através da função de *intrusão*, atribuem e expõem para a criança tudo o que odeiam em si mesmos, isto é o não-Eu, definindo-a pela sua identidade negativa (Faimberg, 2006).

A criança adquire assim uma identidade negativa e identifica-se com estas atribuições negativas e positivas através de uma *identificação alienante*, que permanece clivada. Esta identificação é alienante na medida em que não permite o reconhecimento do espaço psíquico da criança, identificando-se esta com aspectos psíquicos que lhe são estranhos, pertencentes a um ou a uns outros que os rejeitam de si próprios. Assim sendo, a história dos pais seria incorporada na história do sujeito, originando o que a autora designa de *telescopagem de gerações* (op. cit.).

A regulação narcisista dos pais internos não permite a criação de um espaço psíquico para que a criança desenvolva a sua identidade, livre do poder alienante do narcisismo dos pais, estabelecendo-se um dilema baseado na lógica ou/ou, o sujeito sente-se possuidor do objecto de forma absoluta ou ao contrário, vive completamente excluído por ele. Não existe uma verdadeira diferenciação de limites, assistindo-se ao que se pode chamar de um psiquismo vazio e, ao mesmo tempo, cheio demais. Seriam os processos de intrusão/ apropriação, presentes na organização narcisista que levariam o paciente a uma adaptação alienante. A autora acrescenta que as identificações envolvidas no processo de *telescopagem* são realizadas com o objecto e todos os seus atributos e não apenas com o objecto em questão.

A *telescopagem de gerações* e as identificações inconscientes alienantes que dela participam, constituem a *dimensão narcísica do Édipo*, sem diferenciação entre o ego e os objectos, onde o tempo é circular, repetitivo. A diferenciação de gerações está ligada, ao contrário da primeira, à passagem do tempo e à diferenciação de gerações, que poderá ser acessível através de um processo de desidentificação, com a construção interpretativa da análise da transferência (Faimberg, 2006).

A concepção da autora é centrada na relação existente entre o narcisismo parental e o processo de identificação. Para a mesma, os pacientes identificam-se com o modo de funcionamento dos seus pais internos, que consideram a criança como uma

parte deles próprios, privando-a de um espaço psíquico próprio. Nesta organização narcisista, é apropriado tudo o que causa prazer e é expulso tudo o que provoca desprazer pelas funções de apropriação e intrusão (op. cit.).

Considerando que o amor narcisista dos pais pressupõe a apropriação da criança de tudo o que lhes dá prazer, quando a criança se diferencia, será odiada por eles. No caso analisado por Faimberg, existe uma questão adicional, uma vez que o que os pais odeiam na criança é também o que odeiam em si mesmos ideia que, segundo a mesma, já foi defendida por outros autores, como Klein, Winnicott ou Bion. A consequência paradoxal é que esta separação tende a desaparecer. No caso Mário a sua identidade foi determinada pelos elementos que tinham sido excluídos da história dos pais, permanecendo assim ligada a esta história e podendo ser designada de identidade negativa, uma vez que foi constituída através da negação (Faimberg, 2006).

O ego encontra no não-Eu a negação que determina a sua identidade, sendo assim, uma identidade negativa. A afirmação do sujeito seria construída através do modelo de expulsão, isto é, a negação fundamental dos pais internos. A autora defende que a libertação do controle narcisista dos pais internos poderia ocorrer de duas formas: 1) o sujeito definir-se como o odiado, de modo a conseguir a separação; 2) o sujeito assimila tudo o que é odiado na história dos pais, definindo-se como indiferenciado (Faimberg, 2006).

No caso da primeira forma, a distância entre o ego e o objecto mantém-se, ainda que tenha por base o ódio; na segunda, esta distância que corresponde à perda do objecto, não é estabelecida (op. cit.).

Na mesma linha de ideias, propomo-nos ainda abordar as formulações de Badaracco que no seu artigo "*El Objecto Enloquecedor*", se debruça sobre os processos de identificação que operariam nos vínculos psicotizantes (Badaracco, 1986). Congruente com as ideias dos autores anteriores, salienta a possibilidade dos processos de identificação, enquanto elementos fundamentais da constituição e desenvolvimento do mundo psíquico do sujeito, poderem constituir-se enquanto elementos positivos para este desenvolvimento ou pelo contrário, poderem condicionar incorporações negativas que contribuem para a configuração de estruturas patológicas (op. cit.).

Para o autor os processos de identificação promotores de uma estruturação do aparelho psíquico, permitem o desenvolvimento dos recursos egóicos e o crescimento psicológico que se desenvolve maioritariamente de forma lúdica, criativa e reversível. De um estado inicial de dependência para um estado de interdependência recíproca são,

onde se constrói e implementa a dimensão intersubjectiva que, simultaneamente, possibilita a diferenciação entre o Eu e o Outro (Badaracco, 1986).

Ao contrário, as identificações patogénicas obrigariam a uma reestruturação e submissão de outras funções mentais, através da incorporação de elementos que actuam no psiquismo como invasores e exigentes, acarretando grande sofrimento psíquico (op. cit.).

Através de mecanismos de introjecção ou identificação introjectiva, produzidos por invasão e intrusão num ego frágil e imaturo que, não tendo a possibilidade de defender-se, é obrigado a mimetizar-se ou transformar-se no outro, perdendo a sua alteridade e singularidade, constituindo vínculos asfixiantes da espontaneidade, geradores de submissão e paralisação.

Estas identificações patológicas mantêm-se desagregadas e organizam-se como partes clivadas da mente, como *objectos enloquecedores*, passando a formar um inconsciente clivado como sugerido por Freud (cit. por Badaracco, 1986) e assim sendo, deveriam ser controlados por fortes mecanismos de defesa de forma a ser tolerados pelo sujeito, o que acarreta um grande investimento económico que compromete o desenvolvimento e estruturação do aparelho psíquico.

Através das ideias enunciadas, baseadas nos autores abordados anteriormente, pode salientar-se a lógica de concepção do mundo psíquico do sujeito no e com o outro, onde a intersubjectividade se evidencia enquanto fundadora do mundo intrapsíquico, onde os vínculos que são estabelecidos assumem um papel fundamental na forma de organização do psiquismo e na forma como estes se relacionam nas suas relações com os objectos, externos e internos. O sujeito desenvolve-se no e com o grupo, sendo a família a matriz deste processo. Neste prisma, parece-nos importante abordar seguidamente e de um modo mais aprofundado os processos inerentes à intersubjectividade de onde se ressaltam as ideias defendidas por Ogden, considerado por muitos, um dos autores da actualidade que mais se destaca neste tema (Frie & Reis, 2001).

1.3.A (Inter)Subjectividade

Ogden (1992) tem como referências teóricas principais Freud, M. Klein, Tustin, Fairbairn e principalmente Winnicott. Propõe um novo olhar sobre o processo analítico, estabelecendo uma visão dialéctica entre o sujeito e o objecto, enfatizando desta forma,

a intersubjectividade. O autor define o sujeito da psicanálise como o indivíduo na sua capacidade de criar uma sensação de Eu-dade que experiencia (subjectividade), por mais rudimentar e não verbalmente simbolizada que essa sensação de Eu-dade possa ser.

Ao basear-se na obra de Klein, colocando-se como um intérprete, para compreender o lugar que o tema da subjectividade ocupa na sua obra, enfatiza três contribuições teóricas desta autora: 1) a concepção dialéctica da estrutura psíquica e do desenvolvimento do psiquismo que está subjacente ao conceito de posições (uma inter-relação dialéctica de organizações psíquicas); 2) o descentramento dialéctico do sujeito no espaço psíquico, compreendido na dialéctica da cisão e da integração do sujeito (do ego e do objecto); 3) a noção dialéctica de intersubjectividade implícita no conceito de Identificação Projectiva (IP), sobretudo situando-a nas (re)concepções de Bion e Rosenfeld (op. cit.).

Ogden (1992) acrescenta o conceito de posição autista-contígua às posições de Melanie Klein e enfatiza a relação dinâmica existente entre as mesmas. A divisão e a integração, no espaço psicológico, podem ser pensadas como tendo duas componentes, uma intra e outra interpessoal. Intrapsiquicamente os processos de separação associados à posição depressiva (PD) conduzem à construção do mundo de objectos internos submetidos continuamente a pressão da desintegração. É importante que a relação dinâmica entre posição depressiva e esquizoparanoide (PS) que se pode caracterizar pelo símbolo $PS \leftrightarrow PD$ se mantenha, na ausência desta, assistir-se-ia no caso de existir apenas a integração da PD, a uma estagnação que conduziria à arrogância (Bion, 1967, cit. por Ogden, 1992), ou no polo oposto, a negação da integração com os “ataques aos vínculos” (Bion, 1959, op. cit.), representados pelo polo esquizoparanoide, destabilizam o que de outra forma se tornaria estático. Desta forma, os efeitos da PS possibilitam a existência de um potencial contínuo para gerar novas possibilidades psicológicas, isto é, a possibilidade de mudança psíquica. A experiência de sonhar representa em si, um reflexo da tensão dialéctica entre as PS e PD. O acto de representar uma experiência na forma de um sonho constitui a criação de uma nova experiência, uma nova integração que é imediatamente submetida a uma desintegração. Assim sendo, estariam sempre presentes facetas diferentes da subjectividade num tempo presente, mais ou menos interactivamente, dependendo do momento interno e da situação ambiental. O contraponto está entre três subjectividades possíveis, decorrentes das três posições, interactivas no mesmo tempo presente, cada uma delas com uma contraposição em si

mesma: Eu demoníaco/ Eu superego arcaico; Eu libidinal/ Eu superego clássico; Eu barro/ Eu criador. O Eu-sujeito está entre eles, não na sua integração, mas ora mais num ou mais noutro, ora na composição possível entre eles, sendo que um estado de equilíbrio estaria na manifestação adequada de um ou de outro, ou de uma composição de ambos, na situação subjectiva e objectiva correcta (Ogden, 1992).

Relativamente à componente interpessoal da dialéctica subjacente à constituição da subjectividade, torna-se fundamental abordar o conceito de identificação projectiva, sendo este o conceito que, na opinião de Ogden (1992) e particularmente como elaborado por Bion e Rosenfeld (cit. por Ogden, 1992), melhor aborda a componente interpessoal da dialéctica de dispersão e integração, da negação e criação da subjectividade na teoria kleiniana.

A dimensão intersubjectiva do processo de IP é sugerido por Klein (1946, cit. por Ogden, 1992) ao referir que partes do ego são projectados para a mãe ou na mãe num esforço de controlar e possuir o objecto. Na medida em que a mãe contém as partes más do eu, não é sentida como um individuo separado, mas como sendo o mau Eu. Assim, surge a ideia da existência, desde as primeiras fases da vida, de um processo psíquico através do qual aspectos do self não são apenas projectados numa representação psíquica do objecto, mas no objecto propriamente dito, como uma forma de controlar internamente o objecto, levando o objecto externo a experienciar o objecto como parte de si mesmo.

Bion (1952, 1962, 1963/2004) contribuiu para o desenvolvimento de uma componente interpessoal do conceito de IP e para a integração da ideia de uma subjectividade e capacidade de pensamento criados num espaço interpessoal. A IP para Bion não é apenas uma fantasia inconsciente de projectar um aspecto de si mesmo para o outro, controlando-o a partir de dentro, mas representa um processo psicológico interpessoal em que o sujeito, através da interacção interpessoal real com o destinatário da IP, exerce pressão sobre o outro a experimentar-se e a comportar-se de acordo com a fantasia onnipotente projectada.

Bion (1963/2004) passa a descrever a forma como a criança paradoxalmente desenvolve a capacidade de experimentar os seus próprios pensamentos e sentimentos através de uma experiência com a mãe, em que esta experimenta pensamentos impensáveis da criança (elementos β), ainda não toleráveis, assim como a própria mãe. A IP é vista como um processo pelo qual os pensamentos e sentimentos da criança ainda

não toleráveis para esta, são eliciados na mãe, quando esta é psicologicamente disponível para esta função (continente).

É esta função que Bion designa por continente-conteúdo ($\text{♀} \text{♂}$), que através da IP, torna possível que o bebé, possa investigar os seus próprios sentimentos numa personalidade forte o suficiente para os conter, donde a sua função comunicante. Uma perturbação no uso deste mecanismo, seja pela incapacidade da mãe para ser um continente adequado aos conteúdos do bebé (capacidade de rêverie), seja pela presença de ódio e inveja deste que não permitem que a mãe exerça esta função, provoca uma destruição do vínculo entre a mãe e o bebé, conduzindo a uma perturbação grave na pulsão epistemofílica de que toda a aprendizagem depende (Bion, 1959).

Do ponto de vista da dialéctica continente-conteúdo, a IP configura-se como uma conceptualização da criação da subjectividade através da relação de interpenetração de subjectividades. Nesta relação dialéctica, o projector e o recipiente entram numa relação simultânea de individuação/ separação na qual a experiência da criança adquire uma forma através da mãe e ainda, nos casos normativos, a forma que a mãe dá à experiência do bebé foi determinada previamente por este. A mãe permite-se ser habitada pela criança na sua contra-identificação (Grinberg, 1962, cit. por Ogden, 1992) com a criança e é, simultaneamente, criada pela criança. A forma como a mãe se “dá” ou serve de continente à criança é unicamente derivada da sua própria experiência de si e da criança. Uma mãe que não se permita habitar e tomar pela criança, provoca na criança uma impossibilidade para dar forma ao mundo e conteúdos psicológicos da criança, ocorrendo uma destruição do vínculo entre o seio e a criança (Bion, 1959). A destruição deste vínculo resulta num colapso na criação mútua da intersubjectividade, subjacente a uma identificação projectiva saudável, deixando a criança sem forma de dar significado aos conteúdos psíquicos e sensoriais provenientes da sua experiência, causando uma experiência de “terror sem nome” (Bion, 1962), uma vez que os conteúdos permanecem na mente do bebé, sem que este tenha capacidade para os conter e nomear, implicando dificuldades acrescidas no desenvolvimento do aparelho de pensar e conseqüentemente, na simbolização e comunicação. Por outro lado, se a mãe possuir esta capacidade de rêverie, ela nomeia a experiência (elementos β) da criança, através da interpretação dos seus estados internos por exemplo (Ogden, 1992).

À luz da discussão anterior, observa-se que o conceito de Klein de IP como elaborado por Bion, Rosenfeld e outros, apresenta uma concepção de sujeito interpessoalmente descentrado, resultante ao invés disso, de uma dialéctica entre si e um

outro. Paradoxalmente a subjectividade do sujeito pressupõe a existência de dois sujeitos que, juntos, criam uma intersubjectividade através da qual a criança é criada como um sujeito individual, isto é, adquire a sua subjectividade. A criança, enquanto sujeito, está presente desde o início, embora a sua subjectividade esteja presente largamente na dimensão psicológica-interpessoal (♀♂) da relação mãe-bebé.

No mesmo sentido, Ogden (2004) considera o movimento dialéctico entre a subjectividade individual (do analista e do analisando enquanto seres individuais separados, cada um possuidor de uma vida inconsciente) e a intersubjectividade (a vida inconsciente criada conjuntamente no par analítico) como um conceito clínico central na psicanálise, que permite compreender o pensamento clínico de uma forma mais precisa.

A concepção do autor de intersubjectividade representa uma elaboração e uma extensão da noção de Winnicott de que “o bebé não existe só”. Acredita que, no contexto analítico, a subjectividade do analisando não existe, enquanto separada da relação com o analista e vice-versa. Sob o seu ponto de vista, as subjectividades do bebé/analisando e da mãe/analista existem enquanto entidades físicas e psíquicas separadas, mas unicamente coexistem numa tensão dinâmica entre as subjectividades da criança e da mãe. Nesta lógica, em ambas as relações mãe/bebé, analista/analisando, a tarefa não é a de separar os elementos que constituem a relação, num esforço para determinar as qualidades que pertencem a um ou a outro, mas sim, tendo em conta a noção de interdependência de sujeito e objecto, descrever a natureza da experiência de interacção inconsciente, da subjectividade individual e da intersubjectividade (Ogden, 2004)

Introduz o conceito de terceiro analítico, para descrever uma terceira subjectividade presente na relação, uma terceira intersubjectividade, que seria produto de uma dialéctica única, gerada entre os dois sujeitos e que, simultaneamente (re)cria as subjectividades iniciais de cada um (op. cit.).

Para Ogden (2004), a Identificação Projectiva assume-se como uma “*dimensão de toda a intersubjectividade*” onde ambas as subjectividades, do analista e do analisando, estão submetidas por um terceiro inconsciente co-criado pelos primeiros. Na identificação projectiva opera-se um colapso parcial resultante do movimento dialéctico da subjectividade e intersubjectividade individuais, resultando a criação de um terceiro analítico, dentro do qual as subjectividades individuais então envolvidas. Para o autor, uma experiência analítica bem-sucedida, envolveria a superação deste terceiro e a reapropriação das subjectividades, agora transformadas pelos sujeitos, enquanto

indivíduos separados, mas interdependentes. Este processo ocorre através de um mútuo reconhecimento, sendo muitas vezes, mediado pela interpretação dos processos transferenciais e contratransferenciais por parte do analista e o uso que o analisando faz destas interpretações.

A relação entre analista/ analisando, enquanto sujeitos separados continua a existir mas apenas no plano verbal e consciente. A intersubjectividade, compreendida como um “terceiro sujeito subjectivo” não é uma relação entre dois sujeitos, mas um novo sujeito, sendo a situação como um todo que transfigura: analista e analisando não existem puramente, enquanto sujeitos isolados, passando a constituir-se a partir da relação dialéctica entre subjectividade e intersubjectividade (op. cit.).

Na formação da intersubjectividade (transsubjectiva) está envolvido um nível de existência pré-representacional e pré-pessoal, a partir do qual o sujeito é criado. Na experiência do terceiro analítico jogam-se formas simbólicas e proto-simbólicas atribuídas à experiência não articulada (e muitas vezes ainda não sentida) do analisando, quando estas estão a ganhar forma na intersubjectividade do par analítico (Ogden, 2004).

A concepção analítica do sujeito torna-se assim, uma teoria da interdependência entre subjectividade e intersubjectividade. O sujeito não se pode criar a si mesmo e o desenvolvimento da subjectividade solicita experiências de formas particulares de intersubjectividade. Inicialmente, a subjectividade e o psiquismo individual não coincidem. A constituição do espaço entre a mãe e o bebé é mediada por factos psicológicos-interpessoais, como a identificação projectiva, a preocupação materna primária, a relação especular, o relacionamento com objectos transicionais ou as experiências de uso do objecto e de compaixão e a apropriação deste espaço (intersubjectivo) pelo bebé é a pedra basilar para o desenvolvimento da capacidade do bebé criar e manter dialécticas psicológicas (consciente/ inconsciente; eu/ não-eu; eu/tu), onde simultaneamente se cria e se individualiza. Esta apropriação sugere que o processo de constituição da subjectividade é interminável e que a dialéctica entre subjectividade/ intersubjectividade é permanente, onde a experiência intersubjectiva precede a experiência pessoal e está fundada sobre a experiência corporal (op. cit.).

À luz do anteriormente referido, podemos considerar um encontro intersubjectivo como potencial criador de um “terceiro”, que implica uma construção em relação, um deixar de ser e deixar-se recriar, criar e negar e preservar mutuamente, ser subjugado de forma a dois se tornarem num terceiro sujeito, preservando as

subjectividades individuais e reapropriando-as, agora transformadas pela experiência deste terceiro analítico recém-criado, como sujeito da identificação projectiva, em movimentos de dispersão/ integração promovidos pela relação dinâmica entre as posições depressiva e esquizoparanóide.

Na tentativa de integrar as diferentes ideias abordadas parece-nos relevante salientar alguns aspectos.

As heranças do grupo que precedem o sujeito e do grupo familiar em particular, podem organizar-se sob diversas formas e processos, desejando-se que, nas suas formas mais positivas conduzam o sujeito à construção da sua subjectividade e alteridade para a qual são necessários processos de metabolização, simbolização e transformação dos conteúdos transmitidos. Quando estes processos de metabolização e transformação dos conteúdos transmitidos falham, o sujeito realiza a incorporação desses conteúdos mas não os articula com o seu processo de identificação, conduzindo o sujeito a uma alienação na sua identidade.

Estas ideias foram sendo desenvolvidas por diferentes autores durante a prática clínica onde, maioritariamente pela análise dos movimentos transferenciais e contra-transferenciais, se tentaram compreender os processos, pelos quais, os sujeitos têm presente nos seus mundos psíquicos, histórias que não são suas mas de uns outros que os precedem.

Nestes processos de (re)criação interminável da subjectividade pela intersubjectividade, parece ficar patente uma relação de interdependência recíproca, onde dificuldades nos encontros intersubjectivos mais precoces, parecem comprometer a subjectividade dos sujeitos, reflectidas em vínculos asfixiantes da espontaneidade, levando a uma certa submissão e penalização e, assim sendo, a dificuldades nas possibilidades de transformação e simbolização.

Neste sentido, o presente estudo pretende perceber, de uma forma compreensiva e curiosa, assente na concepção dinâmica da intersubjectividade, e através da análise de um encontro intersubjectivo, onde se jogam as diferentes interdependências de sujeito(s) e objecto(s), as experiências de interacção das subjectividades individuais e da intersubjectividade e a forma estas se expressam no Rorschach, assente numa concepção psicanalítica.

2. Objectivo do estudo

Os processos de transmissão psíquica entre gerações têm constituído, desde as últimas décadas, um desafio teórico e clínico, que levaram a que vários autores se tivessem debruçado sobre este tema. As abordagens teóricas e clínicas têm enfatizado a sua importância na estruturação do psiquismo dos sujeitos, na construção da identidade e da subjectividade dos mesmos, enquanto processo construído na e pela intersubjectividade.

Kaës (1993) enfatiza duas vertentes de transmissão psíquica que darão origem ou a sentimentos de pertença e segurança, que conduzem o sujeito à elaboração da sua subjectividade, num espaço de transcrição transformadora, ou, nas suas formas mais negativas, na vertente do não elaborado, conducente à abolição dos limites e do espaço subjectivo.

Ao estudar os processos de transmissão psíquica, na sua vertente mais negativa, Faimberg (2006), Abraham e Torok (1978, cit. por Kaës, 2003), Eiguer (2003), Badaracco (1986) entre outros, enfatizaram a presença de uma perturbação no acesso à subjectividade, e a impossibilidade da criação de um espaço psíquico que permita o desenvolvimento da identidade, livre do poder alienante de um outro ou de mais do que um outro. Deste modo, a Separação/ Individuação do Eu não se realiza, permanecendo as fronteiras Sujeito/Objecto e por conseguinte, Interno/Externo, Eu/Outro inseguras, frágeis ou inexistentes, sendo nestes casos, de maior perturbação ou comprometimento, que encontramos o campo da psicose.

Ogden (1992/2004) enfatiza a forma como a intersubjectividade e os processos que nela decorrem se reflectem na subjectividade dos sujeitos, no seu crescimento e, simultaneamente, como o fundamento desta se constitui na primeira.

Do exposto na revisão da literatura realizada, parece ficar presente a ideia de um comprometimento no mundo psíquico e subjectivo dos sujeitos, onde operam as dialécticas dinâmicas da delimitação do espaço psíquico/ identidade; possibilidade de simbolização e transformação, decorrente da possibilidade dos movimentos de dispersão/ integração provenientes da relação dinâmica entre as posições esquizoparanoide e depressiva, que decorrem de diferentes processos, efectuados

sempre em relação no e com o outro, cumpridos através da identificação projectiva, encarada com a natureza comunicante, como entendida por Bion (2004).

Desta forma, seria na intersubjectividade, na relação entre gerações, na relação precoce, mas também durante a vida, que através da capacidade de rêverie e num modelo da relação continente-conteúdo, da mãe primeiramente, e dos outros significativos, operando através da identificação projectiva, que se fundam as possibilidades de diferenciação e de subjectivação dos sujeitos. Esta possibilidade conduziria à diferenciação do ego e dos sujeitos, ao alcance de uma identidade e alteridade na relação com o outro, e à possibilidade de aceder a uma organização e evolução que promova o conhecimento e a expansão mental.

Se ao contrário, as dinâmicas intersubjectivas mais precoces, não se fundam nos pressupostos enunciados anteriormente, assistir-se-iam a processos de transmissão psíquica nas vertentes do não elaborado, onde operaria a identificação projectiva, na sua vertente mais negativa, caracterizados por, pegando nos conceitos de Faimberg (2006) e Badaracco (1986), uma função de intrusão/ apropriação, conducente a vínculos asfixiantes da espontaneidade, responsáveis por uma submissão e penalização, como acontece na telescopagem de gerações. Poderíamos, neste caso, pensar em dificuldades na simbolização, no processo de pensar e no desenvolvimento, decorrentes da não existência de um continente apropriado, perturbando, desta forma, a internalização da função alfa.

O Rorschach, como a literatura demonstra, sustentado pelo referencial psicanalítico, permite aceder à realidade psíquica dos sujeitos através do processo-resposta, dando conta destes movimentos e interações entre o interno e o externo, sujeito e objecto, à natureza do objecto interno e às transformações com o objecto externo, bem como à forma como a intersubjectividade propicia ou não, seguindo os conceitos de Bion, a capacidade de simbolização (Marques, 1999).

Neste sentido, pretende-se, através da análise das narrativas Rorschach construídas num encontro intersubjectivo numa aplicação conjunta, perceber como se interligam estes processos de subjectivação e dispersão/ integração das subjectividades. Qual será a natureza do continente em que se opera a simbolização, a qualidade da internalização da função alfa e de que forma se relacionam as subjectividades de mãe e filho, a qualidade dos envelopes psíquicos e as possibilidades de crescimento e expansão mental dos mesmos.

3. Metodologia

3.1. Tipo de Estudo

Aceder ao objecto de estudo da psicologia clínica, o sujeito psicológico, implica uma atitude numa lógica de “*aproximação à individualidade, à singularidade e à complexidade do sujeito e deve fazer intervir uma atitude que obriga e impõe o conferir sentido, o dar outro sentido, o ir além do que se revela e expressa, para o que se impõe um processo determinado intersubjectivamente*” (Marques, 1999, p. 33). Sendo esta a lógica na qual se inscreve o presente estudo, assume-se, também na metodologia escolhida, a importância atribuída à subjectividade e à intersubjectividade.

A metodologia qualitativa, no sentido em que, segundo Rey (2002), enfatiza a singularidade como fonte de produção de conhecimento e a implicação subjectiva entre o sujeito em estudo e o investigador, donde o cariz intersubjectivo do processo de construção do conhecimento, parece assim adequada, na tentativa de cumprir os objectivos a que nos propusemos neste estudo.

Deste modo, o conhecimento é encarado como um processo dialógico e de implicação subjectiva mútua, é sempre um *texto* de co-autoria (Rey, 2002), que “*opera através e com os intervenientes na situação*” (Marques, 1999, p. 91), e no paradigma psicanalítico no qual inscrevemos este trabalho, “*esse conhecimento, que é reconhecimento, reconstrução e auto-conhecimento, a ser encarado na relação com a situação, não é só feito de revelar mas, também, de acrescentar e construir sentido*” (op. cit. p. 94), donde emerge a sua vertente interpretativa, constituída segundo um modelo teórico adequado e necessário que dará sentido e expressão à análise dos sujeitos estudados.

O estudo de caso assume-se como uma metodologia de investigação que permite captar a complexidade do sujeito, ajudando a compreender o seu funcionamento em determinados contextos (Stake, 1995, cit. por Tight, 2010), e que respeita os princípios da totalidade e da singularidade, servindo essencialmente ao processo de conhecimento (Pediñelli & Fernandez, 2008), parecendo assim, adequada ao objectivo que nos propomos, aceder à expressão dos sujeitos e à forma como estes realizam e criam essa expressão.

3.2.O Método Rorschach

O Rorschach, prova construída por Hermann Rorschach em 1920, surgiu na lógica da diferenciação entre o normal e o patológico, como forma de chegar ao diagnóstico. É constituído por dez cartões, com manchas de tinta, com características específicas do ponto de vista perceptivo e que o dotam da capacidade de estudar os processos psíquicos mais íntimos de determinado sujeito psicológico (Marques, 1999, in Chabert, 2000).

Após a sua criação, um grande número de autores contribuiu para a sua compreensão utilizando diferentes referenciais e modelos. Com os contributos de Rapaport e Schafer, o Rorschach é enquadrado no referencial psicanalítico que, pela sua pertinência e coerência no acesso à realidade interna do sujeito, constitui uma referência interpretativa de singular importância (Marques, 1999, in Chabert, 2003). Schafer (cit. por Marques, 1999) introduziu a ideia de que a situação Rorschach mobiliza e se submete a lógicas relacionais, intimamente ligadas à transferência, estando esta na base do processo-resposta Rorschach, que produz movimentos que vão da fantasia à realidade. Um dos contributos de grande destaque, que se seguiram a Hermann Rorschach, foi trazido por Rausch de Traubenberg (cit. por Marques, 1999) ao introduzir a noção de que este é “*explicitado e subordinado a um jogo de transferências da percepção com a projecção, do percebido com a vivência*” (Marques, 1999, p. 12). A autora considera que, esta dupla solicitação, presente na situação Rorschach permite aceder à realidade interna do objecto vivenciado, através da transformação realizada na realidade externa do objecto conhecido (a mancha), revelando as “*capacidades de diferenciação entre si e o outro através do reconhecimento da sua unidade e dos seus limites*” (Rausch de Traubenberg, 1983, p. 18).

Indo de encontro à teoria psicanalítica, está construído “*de forma a reenviar mais para dimensões interna, subjectivas e interpretativas do que externas e objectivas*” (Marques, 1999, in Chabert, 2003), permitindo aferir “*a participação dos mecanismos inconscientes e pré-conscientes nas respostas, emergindo como fundamentais, inicialmente as de conflito, angústia e mecanismos de defesa, e depois, as de representação: de si e do Eu, das relações ou do objecto*” (Marques, 1999, p.154).

Inicialmente submetido ao modelo freudiano, que sustenta as relações entre a objectividade e a subjectividade, entre neurose e psicose e o normal e o patológico e, nesta lógica, atendendo às relações entre percepção, fantasma e vivência entre

percepção, representação e afecto, o Rorschach passa, na sua evolução, a integrar o modelo das representações, acedendo à representação do Eu e do objecto, representação de si e representação da relação (Marques, 1999).

A partir desta integração, o Rorschach é considerado um instrumento que anuncia e expõe as representações inconscientes, constituindo a resposta Rorschach, um significativo, na medida em que se funda na representação subjectiva de um objecto, que contém o que desse objecto se inscreve nas percepções anteriores (Marques, 1999). Nesta sequência Chabert enfatiza a ligação entre percepção, representação, afecto e pensamento (op. cit.).

A conceptualização do Rorschach nos modelos e referenciais psicanalíticos realça a *“concepção de que o Rorschach é uma experiência vivencial e relacional, na qual estão envolvidos dois sujeitos”* (Marques, 1999, p. 186) onde se encontram sujeito e clínico num espaço interpessoal e de relação, mediado pelo material perceptivo e onde os movimentos transferenciais e contratransferenciais se inscrevem, sendo que, segundo Chabert (1983, cit. por Marques, 1999), na natureza dos mesmos se revelam os modos de relação específicos do sujeito, particularmente no que concerne às figuras parentais. A situação Rorschach é assim concebida como uma *“situação intersubjectiva”* onde se inscrevem *“os movimentos e os processos que ocorrem nesse espaço-tempo situacional e relacional específico, que serão apreciados a partir das concepções que dão conta da relação-ligação-transformação* (Marques, 1999, p. 156).

Os trabalhos desenvolvidos por Marques, na escola portuguesa, tendo por base as concepções de Klein e Bion, fundamentam-se nas possibilidades de ultrapassar as lógicas mais comuns, baseadas essencialmente em critérios de diagnóstico, submetidos à lógica do sinal, inscrevendo o Rorschach nas vias da significação e da simbolização que lhe permitem a aquisição de novas características e potencialidades, nomeadamente dotá-lo de uma maior sensibilidade *“aos movimentos e aos processos mentais mais fundamentais, sobretudo aqueles que dão conta do crescimento e da expansão mental, que impõem uma actividade de ligação, de transformação e de (re)criação* (Marques, 199, p. 191).

“A resposta Rorschach será possível de considerar como sendo um «novo objecto» que nasce da confrontação – ligação e separação – entre objecto interno e externo, que impõe um trabalho de transformação, de construção e de comunicação de um sentido, submetido pelo contexto situacional e relacional onde as respostas são solicitadas, emergem, são criadas e depois comunicadas.” Donde “o trabalho mental envolvido... na situação projectiva, revela, assim, a natureza dos objectos internos mobilizados pelos

objectos externos, a natureza dos processos de união, de integração e de recriação de uns por outros e, portanto, a própria natureza do sujeito, do Eu e da(s) sua(s) relação(ões) de/ com objecto(s)”. (Marques, 1999, p. 192).

Esta formulação estabelece a ligação entre quatro organizadores na situação Rorschach e mais especificamente o processo-resposta Rorschach: 1) a relação; 2) a comunicação; 3) a interpretação; e 4) a simbolização, suportados e enriquecidos por processos de ligação, transformação e criação. A relação, na medida em que o processo-resposta Rorschach se inscreve num encontro entre duas subjectividades, dando origem a um espaço intersubjectivo. Em qualquer situação interpessoal e perante uma tarefa com elementos desconhecidos como a situação Rorschach *“impõe-se uma mudança psíquica que visa restaurar o equilíbrio, que se opera pelo estabelecimento de novos significados, fundados e inscritos na intersubjectividade e em novas relações continente-conteúdo”* (Marques, 1999, p.194). A comunicação, que permite evidenciar a comunicação entre o sujeito e a situação projectiva que, através da reunião e da conciliação, implica a transformação e a recriação de objectos, através da relação continente-conteúdo. Comunicação também entre o sujeito e o clínico e onde se inserem a transferência e a contratransferência. A interpretação explica a natureza do processo-resposta Rorschach, enquanto processo que mobiliza a criação de um sentido, um significado a uma mancha, através de mecanismos de projecção e identificação projectiva. A simbolização permite *“apreender as passagens e o contacto, a comunicação e as ligações e também as transformações que se realizam dentro e entre as diversas partes do sujeito, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto e o objecto e o sujeito”* (Marques, 1999, p. 236), permitindo assim aceder aos diferentes processos que ocorreram na criação de novos objectos.

A situação Rorschach, no seu confronto com o material, transporta o sujeito para uma interacção entre o que é novo, externo, real e disruptivo, entrando numa situação de caos psíquico (correlacionada com a noção de situação catastrófica de Bion), possibilitando entrar em contacto com os processos de transformação-criação do qual resultam as respostas Rorschach, e que permitem aceder às formas como o sujeito utilizou o pensamento (op. cit.).

Neste sentido, o processo-resposta Rorschach ocorre num espaço activo e continente, onde é possível dar, renovar e criar sentido às coisas e aos objectos, estabelecer novos conteúdos, através do pensar e simbolizar, que se sustém na

identificação projectiva e na relação dinâmica e oscilação entre a dispersão e a integração.

A aplicação da prova acontecerá num único momento e conjuntamente. A modalidade de aplicação conjunta foi desenvolvida por Willi (1978), com o intuito de aceder a diagnósticos, inseridos em contextos de interacção grupal. O autor criou, para esta nova forma de aplicação, metodologias específicas, defendendo que, através desta, seria possível aceder a estilos de comunicação e às suas transformações, decorrentes das alterações emocionais dentro dos grupos, casais e família, importantes para o plano terapêutico.

No presente estudo optou-se pela instrução habitual “*O que é que isto poderia ser?*” (Marques, 1999, p. 158), sendo os dez cartões apresentados sequencialmente e pela ordem consignada, anotando-se todas as respostas dos sujeitos bem como os elementos considerados importantes do ponto de vista do discurso, mas também dos que dão conta da esfera da expressão emocional e afectiva.

3.3. Apresentação dos sujeitos

F com 48 anos, diagnóstico de psicose esquizofrénica desde os 20 anos. Vive numa instituição hospitalar de saúde mental desde há sensivelmente 2 anos. O pai faleceu quando F tinha 30 anos. Sempre viveu com os pais até à altura da institucionalização. A mãe (M) é muito presente na vida do filho, visitando-o duas vezes por semana e passando muito tempo com ele nestas visitas. Quando em interacção, parece transparecer uma atitude de sobreprotecção por parte de M que toma sempre a dianteira na relação. F mantém uma postura cordial, um pouco alheada, mas com um sorriso constante no rosto e muito mais introvertido na relação.

O Rorschach foi aplicado conjuntamente a mãe e filho, tendo sido respeitadas as exigências éticas no que concerne ao modo de aplicação e à confidencialidade. O pedido foi realizado por nós, tendo sido explicado o âmbito da recolha do presente estudo, tendo mãe e filho aceite participar. A aplicação teve lugar num encontro a três, combinado previamente.

4. Os Procedimentos de Análise

Chegada à altura de construir o caminho pelo qual, através do Rorschach, se tentará alcançar o objectivo deste estudo: perceber como se interligam os processos de subjectivação e dispersão/ integração das subjectividades num encontro intersubjectivo, à luz da perspectiva transgeracional, através do instrumento Rorschach.

Procurou-se assim integrar as ideias destacadas anteriormente, sobre a natureza do continente em que se opera a simbolização, a qualidade da internalização da função alfa e de que forma se relacionam as subjectividades de mãe e filho enquadradas nos processos de transmissão psíquica entre gerações, nas suas variantes, em procedimentos que englobam elementos da cotação (modos de apreensão, determinantes e conteúdos), o psicograma, os elementos qualitativos e a tonalidade da atitude face à prova, bem como as modalidades de comunicação entre mãe e filho durante a aplicação, pretendendo aceder à natureza e à dinâmica intersubjectiva que as caracteriza.

Realizou-se a análise do protocolo Rorschach com base nos referenciais teóricos da Escola Francesa (Chabert, 2003) e em procedimentos criados a partir da literatura sobre os processos de transmissão psíquica, subjectividade e intersubjectividade, tendo por base os trabalhos recentes da escola portuguesa, desenvolvidos por Marques (1999). A proposta realizada é assim a criação de uma grelha de análise dos protocolos que permitam evidenciar o que neste encontro intersubjectivo é de natureza subjectiva, o que é de um, de outro e de ambos, num espaço intersubjectivo que represente a intersubjectividade como um espaço de crescimento e expansão mental e o que sendo dos dois, não cria esta possibilidade de subjectividade recíproca e são mas ao contrário, se constitua com uma natureza asfíxiante do mundo psíquico de cada um, dando conta de processos mais patológicos dentro da transmissão psíquica em diferentes gerações.

Os procedimentos usados para realizar esta análise compreensiva compreendem os elementos de cotação das respostas, modos de apreensão, determinantes e conteúdos, os elementos do psicograma, o processo-resposta Rorschach, os movimentos regredientes e progredientes intra e inter cartões, a relação entre as respostas espontâneas e o inquérito e, também dimensões mais subjectivas como a atitude dos sujeitos face à prova, os comportamentos não-verbais e as modalidades de relação entre ambos.

Assim pretende-se, como corolários da construção subjectiva na e pela intersubjectividade verificar:

– As características do espaço psíquico (se separado, delimitado ou organizado fusionalmente e com abolição dos limites), da Identidade (se livre num movimento de separação do espaço subjectivo dos pais, ou presa e alienada sem diferenciação) e a natureza dos processos identificatórios;

– As características da relação continente-conteúdo e se emocionalmente positiva, onde a relação entre percepção e projecção seja realizada de forma harmoniosa, dando conta da existência de um continente capaz de delimitar e conter, numa relação recíproca com o conteúdo, passível assim de ser simbolizado, revelando uma integração da realidade externa com a realidade interna;

– O dinamismo entre as posições esquizoparanoide e depressiva, revelador das possibilidades de crescimento e criatividade mentais, abertas ao conhecimento da realidade, bem como a operacionalização da função alfa e as consequentes possibilidades do trabalho de ligação, transformação e criação caso tenha sido elaborada a perda/ ausência do objecto, significando-a.

Seguidamente serão assim explicitados os procedimentos que pretendem dar conta dos processos de ligação, criação e recriação das subjectividades ligados aos processos de transmissão psíquica nas suas vertentes saudáveis e patológicas.

4.1. Subjectividade na e pela Intersubjectividade

A presença de modos de apreensão globais nos cartões compactos (I, IV, V e VI) testemunha o estabelecimento de um Eu estável, num meio distinto reconhecido como realidade externa. Estas respostas devem estar associadas a uma boa forma F+ ou cinestésias, K ou kan, de boa qualidade formal, em que os contornos estão bem definidos, destacando-se a imagem do fundo que a sustém (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). A presença de conteúdos humanos, H, quando em associação a determinantes formais positivos revelam a capacidade para reconhecer a identidade subjectiva (Godinho, Marques & Pinheiro) permitindo aferir sobre a Identidade, a possibilidade de representação do objecto total e o reconhecimento da diferença de géneros e gerações. Respostas com conteúdos ricos e simbólicos, K e kan, permitem perceber da

conservação do investimento narcísico e da elaboração da perda do objecto (Teixeira & Marques, 2009).

Nos cartões bilaterais e relacionais (II, III e VII) a presença de imagens que contemplem a relação entre duas figuras humanas (obrigatoriamente no cartão III) ou entre animais claramente diferenciadas uma da outra e do meio envolvente, numa relação de troca reveladora da possibilidade da livre expressão do conflito e dos afectos permite perceber a diferenciação entre o Eu e o Outro (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Ao contrário, um número elevado de respostas difusas, F+-, deixa antever uma abolição dos limites e do espaço psíquico (Teixeira & Marques, 2009) e um número elevado apreensões em detalhe, associados a formas de má qualidade, dá conta de movimentos cujo objectivo opera na anulação da distância (Viegas & Marques, 2009) perante a impossibilidade de diferenciação.

A presença de algumas banalidades, as respostas de conteúdos animal, respostas D e F+ dentro da média permitem averiguar do dinamismo dos movimentos entre as posições equizoparanoide e depressiva, revelando o predomínio da integração da PD. É permitida e esperada a presença de Kob, reveladora de uma intensidade pulsional agressiva/ sexual maciça e de kp resultantes de movimentos excessivamente interpretativos fundados em mecanismos arcaicos, desde que acompanhados e seguidos por movimentos progredientes, revelando uma boa capacidade de organização e recuperação pelo movimento no sentido PS→D (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). No sentido oposto, o predomínio da IP maciça é revelado por um F+ abaixo da média, pela presença excessiva de F+- e F- e pela presença de muitos D mas sem qualidade formal, resultantes de uma intensa parcialização mas sem movimentos de ligação (Pinheiro & Marques, 2009).

A internalização da função alfa poderá ser testemunhada pela ausência de recusas e choques, na medida em que existe a possibilidade de passar de um estado caótico e de desorganização da mancha, através do processo de simbolização, para uma imagem com significado. No mesmo sentido, a utilização de diferentes modos de apreensão – G, D, e Dd – preferencialmente por esta ordem, com o início numa apreensão global (cartões compactos) passando depois para uma análise cada vez mais detalhada, e onde a apreensão em Dd é permitida por uma exploração que evidencia as capacidades de interiorização, testemunham a capacidade de exploração do imaginário (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Se a internalização da função alfa não for bem-sucedida, os elementos β não são transformados mas expelidos, onde o sujeito não

elabora, despejando uma resposta. Nestes casos os tempos de latência são muito baixos, havendo uma expulsão do que não pode ser transformado e, portanto, tem que ser posto para fora (op. cit.). A IP é predominante e evidencia-se através da formação de equações simbólicas e objectos bizarros, F-, K- ou kan- (Teixeira & Marques, 2009), bem como com a presença de Dd arbitrários e Do onde a distância é anulada e o continente é antes um claustrum (Gavanha & Marques, 2009).

A função continente-conteúdo pode ser verificada através das respostas G associadas a boas formas, com um F% na norma, a presença de respostas kan de boa qualidade formal e de esbatimento de perspectiva e conteúdos humanos de boa qualidade (Gavanha e Marques, 2009). No sentido oposto, os modos de apreensão associados a determinantes vagos, F+-, Cf, EF e ClobF, acentuam o carácter instável do continente psíquico e a dificuldade de conter e elaborar os afectos (op. cit.).

A presença de G organizados (ou secundários ou combinados ou elaborados) de boa qualidade formal, são o resultado de ligações de diversos momentos do processo perceptivo. Nestes casos o sujeito não se limita a apreender os dados do estímulo, contribuindo com uma elaboração pessoal na percepção do cartão, dando conta das capacidades criativas e de crescimento (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Assim sendo, esperam-se respostas que manifestem uma sensibilidade simbólica dos cartões, devendo surgir imagens com carácter transparente e simbólico (op. cit.). Inversamente a perseveração ao longo de vários cartões ou a presença de muitas recusas, que constituem sempre bloqueios do processo associativo, dão conta da impossibilidade do sujeito transformar a experiência emocional numa imagem, revelando o vazio interior. A presença de G simples, sem esforço de construção ou elaboração, resultantes de uma abordagem superficial por parte do sujeito, revelam a incapacidade de uma abordagem criativa (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

A possibilidade de estabelecer dialécticas consciente/ inconsciente, Eu/ Não-Eu, Eu/ Tu é revelada pela capacidade do sujeito figurar um objecto num envelope perceptivo, que desempenha o papel de membrana, permitindo a distinção entre o sujeito e o seu meio envolvente, operacionalizada através de respostas de boa qualidade formal, localizadas em G, D ou Dd (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009). Por outro lado, as respostas em que o sujeito não consegue destacar a figura do fundo, interpretando também o branco (Gbl ou D bl) ou respostas que não são determinadas fundamentalmente pela forma (EF, CF e CF') revelam dificuldades a este nível (op. cit.).

A possibilidade de (re)criação das subjectividades é testemunhada pela presença de D associados a perceptos de boa qualidade e de Dd quando dentro dos valores normativos, os F-% na ordem dos 20%, e a presença de cinestésias kob e kan que revelam um compromisso e flexibilidade e permeabilidade no funcionamento mental, permitindo a troca e a comunicação intrapsíquica, revelando uma relação segura e investida com o Outro, numa verdadeira troca intersubjectiva (Chabert, in. Soares & Marques, 2009). Contrariamente, a abolição dos limites e do espaço subjectivo afirma-se pelo número elevado de respostas formalmente imprecisas, F+-, C e C'F (Teixeira & Marques, 2009).

5. Apresentação e Análise dos Dados

A mãe (M) chegou ao local de aplicação da prova, anteriormente combinado, tendo esperado, junto do filho (F) pela hora marcada. Quando entraram para a sala onde decorreu a aplicação, F revela um sorriso entusiasmado e M começa por tecer alguns comentários à situação “*Vamos lá ver se consigo fazer isto*”, “*não sei se isto é para a minha cabeça*” que parecem revelar alguma ansiedade ou desconforto.

5.1. Análise cartão a cartão

Convido ambos a sentarem-se e iniciamos a aplicação da prova, com a instrução mais habitual de aplicação. F inicia logo após a apresentação do **cartão I**, com uma resposta quase imediata “*É uma folha de uma árvore*”, onde apreende a totalidade da mancha associada a um determinante formal de boa qualidade. Apesar da apreensão total e bem realizada do ponto de vista formal, parece existir uma dificuldade na diferenciação da figura/fundo com a sensibilidade e integração do branco, evidenciando a possibilidade de dificuldades na representação de si. M inicia o contacto com a prova mantendo uma postura defensiva, com uma pergunta “*Agora sou eu?*”, logo seguida de uma recusa “*Acho que não vejo nada*” e acrescenta “*Estou com um problema, eu sei o que quero dizer mas as palavras fogem-me*”. Recusa e destrói a resposta de F “*Para mim não é folhas, é outra coisa qualquer. Uma coisa que não sei definir, é quase um pássaro*”. Na resposta que dá salienta-se a dificuldade em nomear, simbolizar a imagem, e quando o faz, acompanha-a por uma instabilidade do ser “*é quase*” como algo não definido claramente. Para além disto destrói a resposta de F, parecendo existir uma recusa à comunicação, ou pelo menos uma não-aceitação da resposta individual do mesmo. Por sua vez F mantém esta impossibilidade de comunicação “*É a tua opinião, mas... não, não.*”, revelando dificuldades numa construção intersubjectiva, e fragilidades na relação continente-conteúdo.

No **cartão II**, que pela configuração bilateral e introdução do vermelho põe à prova a capacidade de relação, e a capacidade para pensar a emoção que lhe está inerente, F mantém a postura já dada no cartão anterior de alguma incontinência, respondendo prontamente ao olhar para a mancha, “*Também é uma folha de uma*

árvore”, revelando uma perseveração no conteúdo e não acedendo à relação, dando uma resposta global com a integração do branco novamente, perante esta impossibilidade de pensar e aceder à relação. A emergência pulsional, no início paralisada com esta resposta imediata, aparece posteriormente “*está pintado... tem uns tons de vermelho, é para embelezar não sei*” de uma forma defendida, através de um movimento de formação reactiva, ficando depois numa impossibilidade de transformar os elementos beta, despertados pelo embate pulsional promovido pela mancha e pelo vermelho, numa impossibilidade operante da função alfa, fazendo vários comentários cor “*são as sombras... no fundo é uma folha de uma árvore, a tinta é que... é para realçar o preto... não é preto é cinzento*” mas sem, no entanto, conseguir construir outra imagem. M recusa novamente o cartão, não construindo qualquer imagem, revelando uma sensibilidade ao vermelho “*estas pontas aqui diz-me qualquer coisa mas não consigo lá chegar*”, deixando em aberto a hipótese de uma postura defensiva ao extremo, ou dificuldades em simbolizar e construir uma imagem, pela ausência de um continente capaz de transformar os afectos suscitados pela mancha e pelo vermelho, deixando antever dificuldades no funcionamento da função alfa, sendo igualmente notória a angústia despertada pela situação. Simultaneamente, parece não conseguir delimitar um continente onde os conteúdos de F possam ser desintoxicados e elaborados.

No **cartão III**, que remete para a dimensão relacional face ao outro e para as questões da identidade e da identificação, F toma uma vez mais a iniciativa, e despeja novamente uma resposta “*Continua a folha de árvore mas está cada vez mais desvanecida. Já está quase a desaparecer*” com o mesmo conteúdo, revelando uma indiferenciação ao estímulo do cartão e uma (in)construção hemorrágica, que permitem pensar numa perturbação na simbolização e no pensamento, sem continente psíquico que permita conter e elaborar os afectos. Esta resposta, a mesma que nas anteriores, aparece com a integração do branco e com um carácter de destruição iminente, desvanecida e quase a desaparecer, revelando o tamanho da impossibilidade relacional e de simbolização vivida por F, bem como as dificuldades no estabelecimento de um limite definido e coeso de si e de uma diferenciação Eu/ Outro. M faz críticas ao filho, “*Falas baixinho*”, e recusa novamente o cartão numa impossibilidade também de ela de aceder à relação com o outro “*Zero! Não vou dizer o que ele diz... eu não consigo definir*” Parece existir por parte de M algum esforço para se distanciar da resposta de F talvez como uma tentativa de se defender da desorganização provocada pelas respostas deste. Por outro lado, também não consegue elaborar nenhuma resposta original. Este

facto poderá ser remetido para a incapacidade desta mãe funcionar como um continente que desintoxique os elementos beta do filho. F solicita esta função à mãe “*Então não consegue*” e é ele que através de um comentário subjectivo tenta apaziguar esta incapacidade da mãe “*A minha mãe prefere escrever, o meu pai preferia desenhar*”, ao mesmo tempo que invoca o pai como uma alternativa ao continente que lhe falta. Sublinham-se as incapacidades de simbolização e de alcançar as representações humanas, em movimentos de desorganização (PD-PS).

No **cartão IV** M começa com uma crítica ao material “*É uma fatura! É tudo baseado no mesmo género*” reforçando o desconforto provocado pela situação. F inicia uma vez mais a entrada com uma resposta abrupta e sem qualquer contenção ou elaboração “*Podemos dizer é outra folha mas outra forma*” tentando uma vez mais, socorrer-se da reverberação e apreensão global da mancha, numa defesa contra o conteúdo simbólico do cartão. Inicia depois uma exploração mais aprofundada da mancha mas com respostas de conteúdos anatómicos “*aqui uma omoplatas... aqui a coluna*”, onde parece agarrar-se à simetria como forma de se segurar perante a angústia despoletada pelo cartão, acabando depois por reunir estes dois detalhes numa tentativa defensiva pela apreensão global, mas sem qualidade formal e precedida por uma precaução verbal “*Faz lembrar um morcego*”. F parece reconhecer o simbolismo latente do cartão, sendo a primeira resposta original desde o início da aplicação, mas com muitas dificuldades na constituição das identificações. M tenta entrar em comunicação com F quando o questiona sobre a localização da resposta coluna, parecendo também ela procurar uma estrutura que a suporte, mas sem conseguir, acabando uma vez mais por não acrescentar mais significados, concordando de uma forma passiva, sem acrescentar nada mais para além de “*Tem lógica tem essa, dá-me essa ideia*”. Desta forma a subjectividade de M parece igualmente presa a uma impossibilidade de ser e de poder construir-se na intersubjectividade.

No **cartão V** existe uma vez mais apenas a resposta de F que, apesar de novamente preso à resposta anterior, consegue dar a resposta banalidade “*Esta parece mesmo um morcego*”. No entanto, fica uma vez mais a precaução verbal “*parece*” que sugere a fragilidade do continente que não é seguro e delimitado. M concorda, uma vez mais, com a resposta do filho sem nada acrescentar “*Pois é! Eu também diria que é um morcego*” numa relação simbiótica de completa inexistência na sua subjectividade e simultaneamente parecendo revelar uma impossibilidade de criar algo novo num espaço intersubjectivo.

A entrada no **cartão VI** revela uma necessidade de romper com o igual a que F se submeteu até então *“Esta é diferente”*, parecendo ser sensível às implicações simbólicas da mancha. Com a resposta *“Uma borboleta”* com uma apreensão global mas sem qualidade formal dá conta da defesa contra a emergência da projecção. M recusa novamente o cartão *“Mas eu não vou lá”*, e perante esta falta de implicação, F procura o continente em M *“É um louva-a-deus mãe, o que é que acha?”* procurando a relação, uma comunicação que parece impossibilitada tendo em conta a resposta de M, *“Não sei filho, não consigo lá ir”*. Perante esta incapacidade de rêverie materna, F procura, através de um comentário subjectivo, defender-se desta deriva, com um apelo a um tempo passado, de modo a colmatar a impossibilidade do presente *“Eu brincava com eles no meu pátio”*.

O **cartão VII** que coloca à prova a capacidade para pensar o relacional materno, afigura-se como um cartão importante na situação Rorschach e com um simbolismo particular no presente encontro. Como já habitual, F inicia a entrada na mancha, fazendo-a através de um apelo à simetria, com uma resposta em D, de forma a segurar-se perante o apelo simbólico *“Isto é um veiozinho”*, mas caracterizada pelo carácter difuso da forma. M revela uma vez mais a ansiedade provocada pela situação com uma crítica ao material *“Eu acho que é a sequência uns dos outros... sei lá!”* e acrescenta uma resposta reveladora da sensibilidade às características estruturais, como o esbatimento, o oco e a interpenetração figura-fundo, *“Eu diria assim que pareciam nuvens”* remetendo para faltas na relação com o materno, acabando depois por se defender *“...mas isto do meio já não dá”*. F agarra-se à resposta da mãe e tenta construir uma imagem, uma vez mais num esforço e apelo à relação e à comunicação *“Pois! Isto aqui são umas asas e aqui nuvens”*. Esta imagem, onde nuvens e asas aparecem juntas, como algo celestial, da ordem do divino, mas por outro lado, num plano de mistura de conteúdos, é reveladora uma vez mais, das dificuldades na simbolização. M não consegue acrescentar nada à tentativa de relação de F, cortando o apelo realizado por este com um comentário revelador de uma inexistência subjectiva, acabando por se colar à resposta dele *“Ah! És capaz de ter razão”*.

O **cartão VIII** introduz uma mudança significativa na prova, com a introdução das cores pastel, sentida desde logo pelo tempo de latência que aumentou perante a sua apresentação. Neste cartão, perante a reactivação imposta pelas cores suaves e pálidas, da representação de uma imagem corporal num meio envolvente regressivo, pré-verbal, M inicia as respostas pela primeira vez, mas tenta defender-se novamente da invasão

dos afectos através do recurso ao eixo de simetria “*Cá continuamos... como eu digo coluna vá lá... cá continuamos com esta situação*”. F revela igualmente sensibilidade à cor com o comentário “*Aqui é bonito o verde*”, na impossibilidade de dar qualquer outra imagem. M tenta iniciar uma exploração mais detalhada da mancha conseguindo dar a banalidade “*Aqui dá ideia que é um bicho*”, mas uma vez mais, formalmente difusa, um bicho que não consegue especificar. Seguidamente F faz novo apelo à relação com novo comentário simetria “*Ah... de um lado e de outro*” logo cortada por M que parece desorganizar-se perante esta possibilidade “*E aqui em cima parece o corpo aberto de um bicho destes*” como se, perante a possibilidade de dois, um se fragmentasse, se abrisse, numa impossibilidade de ser separado e uno e em relação. Continua num movimento regrediente “*Aqui... tu sabes! Esta parte aqui* (referindo-se e apontando para o coxís) com confusão entre o dentro e o fora, e chama F para esta regressão, apelando à sua ajuda, parecendo revelar igualmente a angústia de um corpo vivido como fragmentado, uma insuficiência narcísica, consequência possível de uma insatisfação e perda na relação precoce. F acede a este apelo respondendo “*O coxís*”, no entanto, M revela, num movimento progrediente, um esforço por se reorganizar “*Ah. Mas aqui estou muito certa, um leãozinho*” mas fá-lo sozinha, sem comunicação, não fazendo referência a dois, mas apenas a um porque dois são um, numa relação simbiótica, onde dois não podem existir sem que um seja destruído, desvitalizado, aberto. F finaliza as respostas a este cartão com uma resposta imprecisa e fragilizada “*um bicharoco*”, um bicho que não consegue simbolizar, nomear e que é um bicharoco, sugerindo algo da esfera do pequeno, desprezível.

Com a entrada no **cartão IX**, que pelas suas características, favorece os movimentos regressivos e a expressão de vivências relacionais precoces e que, ao dar continuidade à presença da cor pode evocar um esforço acrescido para delimitar um continente, F agarra-se novamente ao eixo de simetria possivelmente numa tentativa defensiva contra a emergência dos afectos solicitados pela mancha e tece inicialmente um comentário ao material “*Este é bonito. Eu vejo sempre aqui este veiozinho*”. M agarra-se a um pormenor da mancha, numa resposta detalhe bizarro sem qualidade formal, revelando um continente danificado, “*Aqui parece um olho e aqui um focinho...*”, onde utiliza um diminutivo para possivelmente diminuir o embate da ressonância do conteúdo simbólico do cartão e uma vez mais apenas um pode existir “*...de um lado, do outro já não parece igual*”, numa permanência no incomunicável, no não representável. F dá uma resposta em G com a integração do branco, mas

contaminado, e vai novamente buscar o conteúdo primeiramente apresentado na prova que perpetua, num movimento anunciado de decomposição e extinção *“Estes dois buraquinhos... A folha já se está a decompor”* e continua, apesar de numa tentativa de reagrupar a mancha numa apreensão global mais confortável, num movimento regrediente onde opera a confusão de conteúdos e reinos *“Isto faz lembrar radiografias, levando o caso para a medicina”*. Perante esta expulsão de elementos beta, através do uso maciço da identificação projectiva, M não consegue servir como continente que permita transformar estes elementos em algo diferente para além do que se constituirá como *objecto bizarro*, fazendo o comentário *“Pois é isso”*.

O **cartão X**, por ser o último, suscita a curiosidade de percebermos como F e M se situam perante a separação. Nesta perspectiva M parece logo evidenciar alguma angústia, tentando evitar a separação anunciada, com o comentário inicial *“Na última tem mais para definir”*, agarrando-se ao eixo de simetria, numa tentativa de se defender *“Aqui dá outra vez a ideia de coluna”*, mas com uma forma difusa e conteúdo regressivo. F realiza uma construção, na continuidade da resposta da mãe *“De um bicho, de um morcego”* a que M acede inicialmente, deixando antever a possibilidade de construção *“Aqui dá ideia de omoplatas”* mas que se revela sem continuidade, passando para outro detalhe da mancha *“Aqui dá ideia de pássaros”* sempre com dificuldades na simbolização manifestamente marcada por uma tentativa de sê-lo mas que apenas se ficam pela inconstância do parecê-lo. F destrói, desta vez ele, a resposta de M, realizando um comentário *“Não me parece mãe”*. M faz um comentário evidenciando a impossibilidade de uma existência intersubjectiva, separando as individualidades *“Eu dei a minha opinião, agora dá a tua, diz lá o que te parece”* e F através de uma impossibilidade de aceder a um continente que lhe permita reintegrar elementos que consiga elaborar, dá três respostas seguidas anulando primeiramente a resposta de M e não sendo pássaros, resposta dada por M, são apenas bicharocos. Posteriormente tenta lutar contra esta desorganização tentando reunir esta dispersão mas sem o conseguir verdadeiramente, impossibilitado pela ausência de limites Eu/ Outro, Dentro/ Fora *“É raio-x pois”* e voltando novamente a apelar a um eixo que lhe permita segurar-se neste movimento regrediente em que entrou *“É o fim da coluna”*. M reitera a necessidade da separação *“Mas não digas por eu estar a dizer”* e imediatamente a seguir, a impossibilidade de a operar *“E aqui ajuda-me... as vértebras.”*, voltando a oscilar num movimento inconsistente e ambivalente *“Mas pensa por ti...”*. Perante a solicitação da mãe, F tenta novamente reunir e integrar a dispersão, dando uma resposta

global *“Pronto, um raio-x de um bicho... as asas, aqui tem a continuação, são os tons de azul”*. M critica uma vez mais F evidenciando o clima de ataque *“Oh!... Falas para dentro!”*. Neste clima de desorganização e tensão, F mantém a resposta anterior apelando à compreensão de M *“Isto é a continuação das asas e aqui a estrutura óssea”*. M destrói novamente a imagem de F e parece deixar-se ficar na ambivalência comunicacional já revelada *“Pois aqui sim, mas as asas não vejo”*. Continua com a reafirmação da sua resposta anterior talvez numa tentativa procurar a unicidade que lhe falta *“Aqui parece-me um passarinho na árvore”*. Perante este clima de não comunicação, F parece ter que justificar esta não cooperação intersubjectiva com o comentário *“A minha mãe vai ao pormenor”* logo seguido da insistência com uma resposta diferente para a mesma localização *“A mim parece-me um peixinho”*, tentando possivelmente buscar a sua individualidade, mas revelando uma impossibilidade de construção pelo encontro, pela comunicação e onde as subjectividades se possam recriar na intersubjectividade. M acede a esta construção subjectiva de F *“Se a ti te parece um peixinho pode ser um peixinho”* e num movimento progrediente parece tentar operar a construção de uma simbolização conjunta *“E aqui até pode ser uma alga. Sim aí pode ser um peixinho”*, numa resposta onde agrupa dois detalhes da mancha que se encontram unidos, como se apenas de um modo simbiótico a relação/ construção pudesse ser simbolizada, revelando as dificuldades em aceder a uma intersubjectividade enquanto encontro que revise as subjectividades e as reedite num verdadeiro caminho de crescimento. F acolhe esta tentativa de M com uma certa estranheza revelada no comentário *“O quê?... Uma alga?”* a que depois acede *“sim”* como se revelasse uma asfixia da espontaneidade. M valoriza F *“Mas és capaz de ter mais razão que eu”* mais uma vez de forma ambivalente, o que era pode ser que já não seja, e fixa-se no conteúdo anteriormente evocado por F *“Até parece um peixe grande”* mas numa localização diferente da mancha. Por sua vez, F continua com o mesmo conteúdo, numa localização novamente diferente *“Sim, aqui parece um bacalhau”*, revelando uma impossibilidade de acederem a uma relação em que exista comunicação e um verdadeiro continente, receptáculo transformador de elementos que permita a simbolização. O percurso por este primeiro momento da situação Rorschach termina neste clima de comunicação inoperante com a última resposta de M *“Mas eu estava a pensar mais num tamboril, raia. A raia também é um peixe grande”*, a oscilar entre o feminino e o masculino, parecendo tentar reforçar a (in)grandeza do feminino sobre o masculino, ou se quisermos, a submissão deste para com o primeiro.

5.2. O Inquérito

Pela riqueza do inquérito, com dezoito respostas adicionais e diversos comentários subjectivos, decidiu-se pela sua inclusão nesta apresentação. Numa nova incursão pelos cartões, com o objectivo de esclarecer as respostas obtidas espontaneamente, mas deixando igualmente favorecer a emergência de coisas novas e a mobilização projectiva, foi este o aspecto que se constituiu como o mais relevante deste ponto.

No **cartão I** revisitado, F consegue agora organizar-se e dar uma resposta global e adequada do ponto de vista formal, dando a resposta banal “*Isto é um morcego*”, num movimento progrediente relativamente ao primeiro encontro com a mancha. Perante esta possibilidade M concorda com F “*De facto à primeira vez não vi mas pode ser de facto um morcego...*” insistindo na confirmação desta possibilidade. No entanto, a sua resposta apresenta um carácter disfórico “*ele é tão feio*” revelando uma vez mais as dificuldades na representação da imagem de si e da sua identidade.

Com a reapresentação do **cartão II**, F mantém a reverberação como elemento que também caracterizou a primeira parte da aplicação mantendo uma resposta com o mesmo conteúdo do cartão anterior “*Também é a estrutura de um pássaro, só que este não é um morcego*”, havendo no entanto, uma sensibilidade ao facto de não ser um morcego, numa tentativa evolutiva. M destrói uma vez mais a construção de F “*Esse... para dizer errado, não consigo definir*”. Parece revelar-se sensível aos afectos despertados pelo vermelho “*dá-me a ideia de que não faz parte do morcego*” mas sem conseguir simbolizar qualquer imagem, e voltando num movimento regrediente a pegar no conteúdo morcego, que tinha sido recusado pelo filho, o que leva F a desorganizar-se “*Aí também. Tem este bocadinho aqui*” e perante a desorganização deste, não consegue uma vez mais contrariar esta loucura “*Pois está certo*” num comentário de passividade e incontinência.

No **cartão III** F inicia com o descontrole habitual numa reverberação hemorrágica contaminada pelo cartão anterior “*Também é um morcego mas de cabeça para baixo*” acabando depois por transformar este conteúdo numa nova resposta “*É um chimpanzé parece*”. Duas respostas onde a apreensão global da mancha reitera a dificuldade em aceder ao mundo relacional e conteúdos humanos, dotadas de uma capacidade de simbolização muito pobre e desadequadas do ponto de vista formal. M prende-se a um pormenor da mancha para lutar contra a emergência dos afectos despoletados pelo conteúdo simbólico do cartão “*Aqui é qualquer coisa*” sobre as

saliências laterais inferiores, prendendo-se às mesmas. Perante a resposta de F “*É o braço*” mantêm uma comunicação contaminada ao referirem-se partes diferentes da mancha e a diferentes conteúdos, voltando M a referir-se à resposta que F abandonou à partida, salientando a incapacidade de construir juntos alguma coisa e a necessidade de ataque: M: “*É o braço?*”; F: “*Não! A cabeça. Veja lá se consegue ver a cabeça, os olhos.*”; M: “*Então isto são as asas*”; F: “*Não*”; M: “*Mas estavas a dizer morcego, os morcegos não têm braços!*”; F: “*Não. Um chimpanzé*”. Perante esta desorganização em que ambos mergulham, M volta a prender-se ao detalhe que refere inicialmente “*Aqui parece um bicho, ou um pássaro*”, resposta imediatamente recusada por F “*Um pássaro? Não*” e este clima continua quando M refere “*Humm a mim dá-me a ideia de que isto não faz parte do resto do esqueleto*” ao desvitalizar a resposta de F com a introdução do esqueleto. F apela ao continente da mãe “*Veja lá! Está de cabeça para baixo.*” mas que, uma vez mais, revela uma incapacidade na sua função de rêverie “*Pois! Mas tu tens mais capacidade de analisar do que eu.*”

Perante o **cartão IV** revisitado, F organiza-se de uma forma diferente neste segundo momento com a mancha, acedendo ao conteúdo latente do cartão “*Eh pá! Agora parece-me um monstro. Aqui é a cabeça, com os olhinhos. Um mostrengo*”. Perante esta resposta, M pega nela e tenta decompor a construção de F, mas perseverando no mesmo conteúdo dos cartões anteriores, parecendo não conseguir movimentar-se entre os movimentos integrativos PS-PD “*o que é que achas? Tem um olhinho aqui. Aqui parece-me um pé estás a ver? Como um chimpanzé ou um morcego*” não existindo qualquer capacidade de criar e deixar-se recriar. F consegue defender-se e mantém-se separado “*Não! É um bicho diferente. É capaz de ser um gorila*” ao que M responde “*Não é tarefa fácil*”.

No **cartão V** F mantém a resposta espontânea “*Esta é tal e qual um morcego*” a que M acede igualmente mas com uma incapacidade de actuar enquanto continente seguro, ao introduzir a ambivalência na resposta como se de uma impossibilidade de constância se tratasse “*Essa também me parece de facto um morcego. Andamos baralhados com o morcego... se bem que aqui*”. F consegue manter-se estável na confirmação da sua resposta “*São as pontas das asas, eles têm várias nas asas, vértebras ou o que é*” a que M corresponde sem elaborar mais nada e parecendo concordar para terminar a comunicação “*Certo, certo.*”

No **cartão VI** mantém-se esta impossibilidade de construção simbólica e de comunicação, por um lado revelada pela inconstância das respostas, comparando-as

com as respostas espontâneas e por outro na forma como M destrói as respostas de F: *“Um peixe. É não é mãe? Vê aqui o bacalhauzinho”*; M: *“Mas o bacalhau não tem um terminar tão estreito”*; F: *“Mas aqui é igualzinho”*; M: *“Pois mas aqui, quanto a mim não é... Este terminar aqui... atrapalha”*. Nesta sequência do diálogo parece que M, face às dificuldades de simbolização de F, nada consegue fazer, não contém e não desintoxica os elementos beta que este lhe dá e, por outro lado, não consegue ela própria realizar outra construção individual, parecendo ambos mergulhar numa deriva de conteúdos não elaboráveis e não simbolizáveis.

No **cartão VII**, F realiza um comentário inicial *“Este é giro”*, prosseguindo *“Este é giro. Dois coelhinhos”* acedendo, pela primeira vez em toda a situação, à relação com uma resposta de parte da mancha e adequada do ponto de vista formal. M revela um sentimento de estranheza e necessita de perguntar a F o que ele acha que é e, perante a perseverança na mesma resposta, responde *“Quanto a mim não é”* destruindo e anulando-a. F procura novamente uma construção e compreensão reformulando a resposta inicial *“Lebres, lebres. Têm as orelhas maiores”* a que M não acede *“Ah... para aí. Mas fico com muitas dúvidas”* e perante esta incapacidade F necessita de intelectualizar para se defender deste vazio comunicacional *“Isto parece umas orelhas. Coisas da Walt Disney”*.

Com o **cartão VIII** e à semelhança das respostas espontâneas, M inicia o contacto com o mesmo *“Esta foi a tal que eu disse dois bichinhos e aqui consideramos as vértebras”*. Com a introdução de dois bichos, quando inicialmente só refere um, parece desorganizar-se, misturando o dentro e o fora com as vértebras. F constrói sobre a resposta de M *“Aqui são dois bichos que estão a brincar com o morcego. Aqui é a planta óssea do morcego. O morcego agarrou os dois, há aqui uma luta. Esta zona (laranja) não consigo encaixar”*. Nesta resposta adicional, a única cinestesia, faz-se notar o carácter disfórico da relação. No mesmo sentido, F parece desorganizar-se misturando o interior e o exterior, quando em relação, aparecem os bichos e o morcego e depois a planta óssea do mesmo. M mantém a resposta dada na primeira parte de *“coxis”*, enfatizando dificuldade relacional e comunicacional e/ ou buscando uma separação pela procura de uma subjectividade impossível de se estabelecer *“Eu acho o que disse, mas tu é que tens de achar, cada um acha, se não, não fica bem”*. Para finalizar o contacto com este cartão, F desvitaliza completamente os conteúdos nas respostas que dá para a base da mancha *“Duas pedras e aqui terra”*. Caracterizados pelo teor regressivo e pela localização na base do cartão, onde as pedras, objectos

sólidos e resistentes podem ter o valor de assegurar a coesão do Eu, mas a terra na base, poderá indicar um possível risco de invasão ou desagregação identitária (Teixeira & Marques, 2009).

No regresso ao **cartão IX** M inicia mais uma vez reforçando a resposta em detalhe bizarro que deu no primeiro encontro com a mancha *“Lá está o que eu disse aqui. Aqui parece um bichinho, a cabeça, o olhinho”*, onde a utilização de diminutivos poderá tentar aliviar a ansiedade provocada pelo simbolismo da mancha num movimento de formação reactiva. F dá uma nova resposta com a inversão figura-fundo *“Aqui é uma coisa redonda em feitiço de bola”* onde se parece fixar na falha que possui. Perante o confronto com o vazio solicita o continente materno *“Cá em baixo, isto não sei, ainda estou a tentar descobrir. A mãe já descobriu para si?”,* mas M, mais uma vez, revela dificuldade em deixar-se apropriar e corresponder a esta solicitação *“Não tenho a certeza não”*. F procura novamente a comunicação *“Aqui diz que é um bicho?”* M: *“Não. Aqui”* a que F corresponde com uma interpretação individual de outro detalhe da mancha *“Ah aqui. Aqui são espáduas”*

No **cartão X** assistimos a uma resistência por parte de M nas respostas e uma ansiedade reafirmada pelo comentário inicial que não teve sucessores *“Mantenho o que disse da última vez”*. F por sua vez, num movimento de tentar organizar-se dentro da dispersão da mancha tenta agrupar o cartão numa apreensão global *“Isto é tudo o fundo do mar”*, mas com um conteúdo regressivo que remete para as falhas na relação com o materno.

Importa referir que dada a inexistência de respostas com conteúdos humanos, foi realizado o inquérito dos limites, onde F se agarra aos detalhes da mancha não conseguindo aceder à figura humana senão de uma forma espartilhada *“É por causa disto... é a anatomia, é o fim da coluna, o coxis não é? Quando a gente se senta mãe”* apelando à mãe, um continente onde possa despejar estes conteúdos beta para que possam ser desintoxicados. M não consegue aceder a este pedido deixando F invadido por estes elementos de forma circular, sem possibilidade de transformação *“Certo! A palavra que deste é certa segundo o teu entendimento.”* Talvez porque ela própria, ainda que de uma forma menos regredida também revela a impossibilidade de simbolização e de aceder a conteúdos humanos de uma forma inteira e diferenciada *“É capaz de ser possível. Isto pode ser a cabeça, o pescoço... escuro... digamos, escuro. Será o padre.”*

5.3. Os Psicogramas

Passamos agora à análise dos três psicogramas realizados, um psicograma que resulta da aplicação conjunta e os que decorrem do isolamento das respostas individuais, analisado-os à luz dos procedimentos de análise elaborados.

Na análise do psicograma conjunto podemos destacar uma produção de quarenta e cinco respostas, com a presença de quatro recusas nos cartões II, III e VI. Do ponto de vista dos **processos identificatórios** parece existir um comprometimento dos mesmos. As respostas dos cartões I, IV, V e VI, onde se verificam 3 das recusas existentes no protocolo, e uma precaridade na qualidade formal ($F+\% = 40\%$), deixam antever dificuldades na identidade, com a inexistência de um Eu estável, num meio distinto reconhecido como realidade externa (Oneto, Marques & Pinheiro). No mesmo sentido a inexistência de cinestésias parece revelar uma impossibilidade de aceder a uma representação de si e da sua identidade (op. cit., 2009). A inexistência de conteúdos humanos deixa transparecer a incapacidade no reconhecimento de uma identidade subjectiva (Godinho, Marques & Pinheiro, 2009). A presença de anatomias poderá relacionar-se com uma angústia de fragmentação. Estas dificuldades na Identidade aparecem aliadas a uma impossibilidade de estabelecer **dialécticas Consciente/ Inconsciente, Eu/ não-Eu, Eu/ Tu**, de que são testemunho as respostas de má qualidade formal que revelam a dificuldade de figurar um objecto num envelope preceptivo não permite a distinção e diferenciação entre o sujeito e entre o sujeito e o seu meio envolvente (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

A ausência de determinantes cinestésicos e a pobreza de conteúdos, maioritariamente regressivos, poderão revelar a não **conservação do investimento narcísico e não elaboração da perda do objecto** (Teixeira & Marques, 2009), onde a intolerância à perda se observa igualmente pela perseveração, com a contaminação de sequências numa procura para impedir a separação (Rosado & Marques, 2009). No mesmo sentido, a inexistência de relação entre figuras humanas, inclusive no inquérito dos limites, indicam o comprometimento na diferenciação entre o Eu e o Outro (Oneto, Marques e Pinheiro, 2009), bem como a má qualidade formal que acompanha os modos de apreensão em D que dão conta da anulação da distância (Viegas & Marques, 2009).

Apesar da presença de apreensões de todos os tipos, as apreensões globais apresentam-se num número muito superior ao esperado (33%), são maioritariamente simples e com má qualidade formal ($F+\% = 40\%$) revelando dificuldades nos **movimentos integrativos entre as posições esquizoparanóide e depressiva**, com o

predomínio desta última e de movimentos regredientes. No mesmo sentido, a percentagem de apreensões em detalhe encontra-se na média, mas estas são associadas quase sempre a uma má qualidade formal, dando conta de uma parcialização sem ligação (Pinheiro & Marques, 2009). A percentagem muito elevada de F- revela uma falta de compromisso, flexibilidade e permeabilidade no funcionamento mental, que dificulta a troca e a comunicação intrapsíquica, impossibilitando a existência de uma relação segura e investida com o Outro, numa obstrução de uma verdadeira **(re)criação subjectiva na intersubjectividade**.

Os tempos de latência muito baixos dão conta duma **inoperância da função alfa**, onde o que não pode ser elaborado é expulso (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009), levando à formação de equações simbólicas, e objectos bizarros como podemos constatar pela presença maioritária de formas de má qualidade (Teixeira & Marques, 2009). No mesmo sentido, acentuam o carácter instável do continente psíquico e as dificuldades em conter e elaborar os afectos (op. cit., 2009).

As possibilidades de **crescimento e a criatividade** parecem igualmente comprometidas de que são testemunho as recusas dadas em diferentes cartões e as perseverações que dão conta de bloqueios no processo associativo, fruto de um vazio interior em que não é possível transformar a experiência emocional em imagens. De igual modo, a existência maioritária de G simples, sem esforço de construção ou elaboração testemunham a abordagem superficial das manchas, em que os sujeitos não têm a capacidade para realizar uma abordagem criativa das mesmas (Oneto, Marques & Pinheiro, 2009).

Iremos agora olhar para os psicogramas individuais, realizados a partir das respostas de cada um dos participantes, na tentativa de perceber as diferenças e semelhanças, as aproximações e os afastamentos neste encontro entre as subjectividades de cada um, de modo a percebermos se os traços encontrados no protocolo conjunto se mantêm num e/ ou noutro, o que se mantém, o que muda e o que se transforma.

Os psicogramas individuais mantêm as fragilidades encontradas nos processos inerentes à subjectividade e intersubjectividade. Ao analisarmos as respostas individuais de cada um, podemos perceber que uma das grandes diferenças de encontra no modo de apreensão utilizado por ambos, mas ainda assim semelhantes pela presença excessiva, apreensões globais no caso de F e em detalhe no caso de M. A sensibilidade ao branco é uma constante em ambos os psicogramas com uma percentagem acima do valor esperado, assim como a associação da apreensão a determinantes maioritariamente com

formas de má qualidade. O TRI é extratensivo puro no caso de F mas a tender para coartado que é como se caracteriza o TRI de M dando conta de um funcionamento empobrecido, com grandes dificuldades nos processos de simbolização. Olhando para os elementos qualitativos, a grande presença de perseverações por parte de F (cartões II, III, IV e IX) pode analogamente corresponder ao grande número de recusas de M (cartões II, III e VI). A presença de conteúdos muito pobres e regressivos é similar em ambos os protocolos, com uma percentagem de conteúdos animais esperada, mas aparecendo muitas vezes parcializados, onde as anatomias também se podem destacar. Ainda no que concerne aos conteúdos M apresenta uma pobreza maior na diversidade nas respostas dadas, com conteúdos que apelam à fragilidade e à falta *alga, nuvens* e F apresenta uma maior diversidade de conteúdos mas todos muito regressivos, caracterizados por fragmentações, parcializações e desvitalizações *buraco, veio, raio-x*. Destacam-se a presença de comentários subjectivos e ao material, choques ou equivalentes de choque e de comentários de simetria, numa tentativa de protecção contra o embate provocado pela carga simbólica dos cartões. A referência ao eixo central é abundante e revela a necessidade de um *“suporte que permita manter as percepções internas e externas reunidas e coesas, como protecção de um sentimento e vivência de dispersão e de tumulto* (Marques, 1999, p. 315). Os comentários subjectivos que surgem em F e em M dão conta por um lado das dificuldades de integração, reunião, criação e transformação da mancha *“Acho que não vejo nada. Estou com um problema”* assim como para a protecção de embate provocado pelo conteúdo da mancha e à emergência da projecção *“No sábado deu um programa na televisão que mostrou (...) morcegos criados em cativeiro”*. No mesmo sentido, as críticas aparecem também dirigidas a um e a outro, ora em movimentos de aproximação *“A minha mãe prefere escrever, o pai preferia desenhar”*, ora em movimentos de ataque *“Falas baixinho”, Já estás despachado? Eu não vou lá”*.

6. Discussão

Pretendemos neste capítulo realizar a integração das narrativas decorrentes da situação Rorschach, com as ideias fundamentais encontradas na teoria e perceber como é que se traduzem, no presente estudo, as subjectividades e a intersubjectividades e como estas comunicam, se criam e se recriam numa lógica transgeracional, atendendo às características dos espaços psíquicos, das relações continente-conteúdo, do dinamismo entre as posições esquizoparanoide e depressiva, bem como a operacionalização da função alfa dando conta do trabalho de ligação, transformação e (re)criação.

Mãe e filho partem para este percurso com formas e atitudes diferentes, onde F parece revelar algum entusiasmo com a situação e M se apresenta com uma ansiedade manifesta pelo comentário que realiza ao entrar na sala “*Vamos lá ver se consigo fazer isto*”, “*não sei se isto é para a minha cabeça*”, mas revelam percursos semelhantes durante o caminho percorrido neste encontro de subjectividades.

O acesso à identidade parece, em ambos os sujeitos, comprometido, fazendo supor que os processos de individuação e de diferenciação não tenham sido operantes e, desta forma, não tenham permitido a separação e a construção de um espaço psíquico delimitado e organizado de forma separada. O sentimento de identidade implica o reconhecimento da diferença entre sujeito e objecto e a pertença ao mundo humano, bem como o reconhecimento da diferença de géneros e gerações. Mãe e filho revelam uma impossibilidade em aceder a uma representação de si e da sua identidade. Estas questões podem ser evidenciadas nas projecções da imagem de si, sobretudo nos cartões I, IV, V e VI onde se percebe, pela presença dos determinantes formais a excessiva preocupação com a delimitação de um continente que se revela ineficaz, na medida em que a tentativa falha, resvalando em respostas de má qualidade formal. Esta impossibilidade do reconhecimento do espaço psíquico poderá integrar-se na lógica das identificações alienantes de Faimberg (1988) na medida em que através destas se opera uma incapacidade para o desenvolvimento da identidade, obedecendo a mesma a lógicas desligantes e desligadas, alheadas e alienadas.

As apreensões globais ou parciais mal vistas (vinte e cinco F-, 4 incluem a integração do branco) dão conta de uma não diferenciação figura/ fundo clara como consequência dos mecanismos desligantes e desobjectivantes da posição esquizoparanoide. Estes revelam igualmente que não se verificou a diferenciação e separação entre o Consciente/ Inconsciente, Eu/ não-Eu, Eu/ Tu, ou seja que a identidade primária não está adquirida, sendo o continente construído mal separado, instável e não contentor. O estado inicial de dependência, que deveria passar a um estado de interdependência recíproca e sã parece manter-se, o que impossibilita a construção e implementação da verdadeira dimensão intersubjectiva como defende Badaracco (1986), revelando-se a impossibilidade do ser e existir enquanto sujeito diferenciado. No mesmo sentido a presença excessiva de apreensões em detalhe, associadas a formas de má qualidade, dadas maioritariamente por M têm como objectivo a luta pela anulação da distância, ao mesmo tempo que as críticas realizadas operam no sentido contrário, parecendo que a elaboração da perda do objecto não foi realizada. Nos cartões bilaterais a integração da solicitação relacional e pulsional implica o reconhecimento da perda/ ausência do objecto e a sua elaboração e o reconhecimento da interdependência, que no caso de M e F parece seriamente comprometida uma vez que o acesso a figuras humanas e à relação aparece como inacessível.

A relação continente-conteúdo revela-se negativa, com uma inoperância da função alfa, produzindo elementos beta que apenas podem ser evacuados sob a forma de equações simbólicas e formas de má qualidade. Os tempos de latência muito baixos são corolários deste facto, onde o que não pode ser elaborado é expulso como forma de apaziguar o sofrimento que acarreta, através da utilização excessiva e maciça da identificação projectiva ao serviço de uma não comunicação. A procura da delimitação de um continente (Bion, 1963/2004) é constante, revelada pelo esforço por uma apreensão global das manchas, mas que se mostra incontinente pela má qualidade formal, e pela marcada falha formal das respostas que revelam as consequências deste continente inoperante, com perturbações graves na pulsão epistemofílica e na própria constituição de um aparelho de pensar (op.cit).

A presença de muitas recusas e choques é reveladora de uma falha na internalização da função alfa, que não permite o processo de criação, transformação, simbolização, uma vez que, partindo do estado de caos e desorganização da mancha, de verifica uma dificuldade em chegar a uma imagem com significado. Como defendido

por Bion e sublinhado igualmente por Ogden (2004) as possibilidades de crescimento e criatividade mentais, abertas ao conhecimento aparecem assim amputadas por uma falta de integração entre as posições esquizoparanoide e depressiva e a consequentes perturbações no pensamento.

Na relação intersubjectiva analisada no seu conjunto, parecem existir falhas nas diferentes componentes de uma subjectividade que assim se impõe como uma impossibilidade de ser. Cumpre-nos agora tentar perceber, através dos protocolos decorrentes do isolamento das respostas individuais, o que muda e o que se mantém, quais as diferenças e quais as semelhanças que operam a este nível.

Os psicogramas individuais mantêm as fragilidades encontradas no psicograma conjunto, o que por si, parece ser já um factor a salientar. Uma das grandes diferenças encontradas prende-se com o modo de apreensão realizado por ambos. F apresenta modos de apreensão predominantemente globais, sendo que o baixo valor de D% pode mostrar o desinteresse pelo concreto e pelo real, característicos dos modos de funcionamento psicóticos (Chabert, 2003). Ao contrário, M apresenta uma percentagem excessiva de apreensões em detalhe, dando conta de uma dificuldade em reunir e ver o todo, dando conta de um universo parcializado e que, ligado a conteúdos angustiantes, é igualmente característico de modos de funcionamento psicóticos (op. cit.).

A sensibilidade ao branco é comum a ambos os protocolos, (Filho: I, II, IX; e Mãe: IX) quer em movimentos de não separação figura-fundo como no caso da resposta de F ao cartão II “*Também é uma folha de uma árvore*” numa reverberação trazida do cartão anterior, como numa hipersensibilidade às lacunas intra-maculares como é o caso da resposta de M no cartão IX num detalhe bizarro raramente evocado “*Aqui parece um olho no verde*”. Estas podem ser interpretadas, quer num ou noutro caso, como uma intolerância à perda, relacionada com uma perda inicial não elaborada (Rosado & Marques).

O TRI é extratensivo puro no caso de F, mas a tender para o coartado que corresponde ao TRI de M. Ambos dão conta de funcionamentos empobrecidos com grandes dificuldades nos processos de simbolização. Passando para os elementos qualitativos a semelhança é igualmente presente. No caso de F nota-se um grande número de perseverações enquanto M dá 4 recusas ao longo da aplicação. Os conteúdos são muito regressivos e pobres e o índice de angústia é de vinte para ambos, considerado muito elevado perante o esperado. A presença de comentários subjectivos e ao material, choques ou equivalentes de choque e comentários de simetria, são

reveladores por um lado, do embate provocado pelo simbolismo dos cartões e da tentativa de defesa contra o mesmo.

No caminho percorrido até aqui pudemos perceber: as características do espaço subjectivo de M e F e da forma como estes se organizam quando se encontram na intersubjectividade, bem como as possibilidades de ligação, desligação, criação e recriação existentes. Não nos servindo, neste trabalho, da psicopatologia como uma lógica que submete e encerra as possibilidades de análise, torna-se importante enquadrá-la na discussão destes resultados.

F apresenta um protocolo onde o modo de funcionamento psicótico se encontra espelhado nos procedimentos de análise através (Chabert, 2003): pelo comprometimento do pensamento, ligado ao comprometimento narcísico que opera como sinal da desorganização mental; pelo desinvestimento objectal que invalida consideravelmente a vida relacional do sujeito; pela desintegração da representação de si que permite perceber a confusão e a perda dos limites, comprometendo a identidade e o sentimento da continuidade de existir que se inscreve na precaridade das referências que podem permitir uma diferenciação efectiva entre dentro e fora, sujeito e objecto; um empobrecimento da vida fantasmática que poderá atribuir-se à força dos movimentos pulsionais que atacam os continentes do pensamento e os seus conteúdos.

Na lógica da teoria da concepção analítica do sujeito numa interdependência entre subjectividade e intersubjectividade a subjectividade do sujeito seria desenvolvida através da possibilidade deste experienciar formas particulares de intersubjectividade que bem-sucedidas, seriam o corolário da diferenciação do ego e dos sujeitos, do alcance de uma identidade e alteridade na relação com o outro e da possibilidade de aceder a uma capacidade de crescimento e expansão mental (Ogden, 2004).

Assim sendo, as dificuldades encontradas no alcance da subjectividade de F, podem relacionar-se, à luz desta perspectiva, com lacunas nos encontros intersubjectivos precoces. Neste sentido, podemos perceber estas dificuldades também em M, que podem ser verificadas pela não diferenciação em termos de protocolos individuais. O acesso à identidade, à representação de si, bem como a internalização da função alfa ou a relação dinâmica entre continente e conteúdo parecem igualmente incapacitadas e assim sendo, também M parece alvo de uma subjectividade comprometida que, tendo origem em faltas nos seus encontros intersubjectivos precoces, se revela e se recria nos encontros actuais, e num passado recente, talvez também nos encontros precoces de F.

Dentro da lógica da intersubjectividade, o reconhecimento do sujeito enquanto pessoa única e diferenciada dos outros é fruto de um processo de construção de identidade que se edifica ao longo de toda a vida. Iniciando-se na infância, articula-se com a história de vida do sujeito, com a história do grupo familiar a que pertence e dentro das gerações que integra, bem como com a cultura em se insere. O processo de subjectivação organiza-se tendo como pano de fundo a vida psíquica da família da qual é indissociável.

Neste caso, o quadro intersubjectivo de transmissão psíquica parece comportar aspectos negativos que impedem a construção da identidade e a liberdade de F e de M assim como a criatividade e a simbolização de ambos. A criação de um espaço necessário para que a subjectividade de cada um se pudesse constituir parece ter sido impossibilitada, devido a possíveis mecanismos de intrusão e apropriação que ocupam os espaços psíquicos de ambos (Faimberg, 2006). F e M enquanto sujeitos emergentes de encontros intersubjectivos, parecem ter ficado aprisionados nas vivências e no não-elaborado das gerações anteriores, o que terá bloqueado o espaço intrasubjectivo de cada um, devido a vivências traumáticas transmitidas.

Nos casos de patologia transgeracional, como parece o caso da constelação familiar de M e F, o sujeito identifica-se com aspectos patológicos da personalidade de uma das figuras parentais e sobre esta identificação estrutura um falso self (Badaracco, 1986). Assim, a identificação patológica de F à mãe, seria responsável pela incorporação no seu psiquismo de elementos presentes de uma forma invasora e exigente. Estes elementos obrigaram a uma reestruturação e submetimento das restantes funções mentais que tornaram inoperante o seu desenvolvimento. Devido ao sofrimento psíquico que esta identificação causa e não podendo defender-se dos vínculos asfixiantes geradores de submissão e paralisação, fundados em diferentes mecanismos de introjecção ou identificação projectiva, através de invasão ou intrusão, o ego de F teria sido obrigado a mimetizar-se, perdendo a sua individualidades e impossibilitando a alteridade.

A busca de uma entrega a um objecto externo, capaz de prover a segurança de que precisou, terá constituído uma situação excessivamente traumática e responsável por um intenso sofrimento psíquico, no sentido em que as necessidades primárias teriam colidido com as necessidades das figuras parentais, donde o desamparo inicial, ao esbarrar nas carências do objecto real e na sua hostilidade, transformaram a sua presença, numa presença traumática e enlouquecedora (Badaracco, 1986). Nestes casos,

o objecto não se deixa esquecer, ocorrendo uma perversão da sua função sendo que, ao invés de possibilitar um espaço de desenvolvimento, mostra-se permanentemente intrusivo, sendo impensável para o sujeito representar e pensar, permanecendo alienado na história parental.

O reconhecimento da diferença de gerações e de sexos, assim como o reconhecimento do Outro como alguém diferente de si mesmo, isto é, o alcance e o reconhecimento da alteridade, são aquisições fundamentais a que M e F não acederam. Para que estas ocorram, pela fragilidade inicial do mundo psíquico da criança, é imperativo que os pais a reconheçam primeiro enquanto diferenciada da própria história edípica deles, sendo que esta diferenciação nunca ocorre totalmente, uma vez que os pais têm sempre desejos inconscientes (Faimberg, 2006). Estas aquisições parecem não ter sido realizadas por esta mãe, não sendo por isso transmitidas para o filho. Perante a ferida que o conflito edipiano impõe, frente à separação e à diferenciação, encontraram uma solução narcisista, onde perante a possibilidade de separação, emerge uma angústia intolerável de fragmentação e de desintegração, que culmina do caso de F, com a desintegração e desorganização do Eu que fundam o fenómeno psicótico.

Perante o exposto parece-nos possível levantar a hipótese de que F e M apresentam uma subjectividade comprometida, onde as heranças dos conteúdos geracionais, transmitidas nos encontros intersubjectivos, por uma falha nos processos de metabolização, simbolização e transformação, os conduziram a uma incorporação desses conteúdos, conduzindo-os à alienação nas suas identidades, congruentes com uma Telescopagem de Gerações.

7. Conclusão

Este estudo teve como objectivo perceber, através da análise das narrativas Rorschach construídas num encontro intersubjectivo de uma aplicação conjunta, como se interligam os processos de subjectivação e integração/ dispersão das subjectividades e, chegados ao final deste percurso, evidencia-se a necessidade de uma reflexão sobre o desenvolvimento e o trilhar do mesmo.

O tema da transgeracionalidade transportou-nos às ideias iniciais de Freud sobre a transmissão e às teorias psicanalíticas de grupo que permitiram enquadrar o grupo enquanto entidade constituída por uma realidade psíquica própria, influenciada pelos sujeitos que o formam e que contribui para a organização da vida psíquica dos mesmos, sendo que estes processos são passíveis de ser explorados através da natureza do vínculo intersubjectivo e dos processos de identificação (Kaës, 2003).

Através das ideias essenciais de Faimberg (2006), Eiguer (2003) e Badaracco (1986) foi-nos possível compreender as particularidades dos processos de transmissão psíquica e que, na sua vertente mais negativa, transportam perturbações no acesso à subjectividade, à identidade e à alteridade, devido à impossibilidade da criação de um espaço psíquico que permita o seu desenvolvimento.

Com as contribuições de Ogden (1992/2004) foi possível operacionalizar a forma como a intersubjectividade e os processos que nela ocorrem se edificam e reflectem na subjectividade dos sujeitos, e como esta se funda na primeira.

Através da análise das narrativas Rorschach, de mãe e filho, podemos dar-nos conta de como o quadro intersubjectivo de transmissão psíquica parece comportar aspectos negativos, que se revelam na impossibilidade da construção da identidade, na impossibilidade de aceder à criatividade e à simbolização e num bloqueio do espaço intrasubjectivo de cada um. Mãe e filho parecem ter ficado aprisionados nas vivências não elaboradas das gerações anteriores, permitindo-nos colocar a hipótese de estarmos perante uma Telescopagem de Gerações, onde o Eu dos sujeitos se encontra alienado na subjectividade de outro, onde o objecto se constitui como permanentemente intrusivo, impossibilitando a criação de um espaço que permita o desenvolvimento psíquico de ambos (Faimberg, 2006).

O estudo da transgeracionalidade, onde se insere o presente trabalho, tem sido fundamental para a compreensão das dinâmicas familiares nas quais ocorreram falhas

na transmissão psíquica intergeracional, levando à alienação dos sujeitos e à emergência de várias perturbações e sintomas, permitindo novas formas de sustentação teórica e clínica. A este respeito e a título de exemplo, Faimberg (2006) desenvolve o conceito de “*La escucha de la escucha*” como um processo através do qual seria possível ao analista aceder às identificações nos casos de casos de Telescopagem de Gerações.

O estudo dos processos de transmissão psíquica permitem o desenvolvimento de novos olhares sobre os fenómenos psíquicos, que pretende como objectivo último chegar a uma aproximação do objecto de estudo da psicologia clínica, o sujeito psicológico, dando conta do seu funcionamento, dos significados e significações outras, que se estendem sempre para além do que é expresso, manifesto e visível.

A possibilidade de podermos experimentar novas modalidades de aplicação do instrumento Rorschach constituiu-se como mais uma evidência das numerosas possibilidades e potencialidades deste instrumento “*dotado de qualidades específicas, psíquicas, que mobilizam no sujeito uma acção e reacção num espaço-tempo situacional e relacional específico*” (Marques, 1999, p. 155). A aplicação conjunta permitiu aceder a fenómenos específicos de natureza relacional e intersubjectiva tendo constituído, a par da criação de novos procedimentos de análise, os maiores desafios deste estudo, possibilitando novos pensares e novos olhares sobre um saber-fazer que agora se inaugura.

Como limitação deste estudo poder-se-á apontar o facto de a aplicação conjunta não ter sido precedida ou antecedida de uma aplicação individual que permitiria perceber, da existência e do tipo de diferenças, na expressão das subjectividades de mãe e filho quando estas se jogam num cenário intersubjectivo com outros mediadores.

Como sugestão para estudos futuros podemos pensar na possibilidade de uma investigação em contexto psicoterapêutico, com os sujeitos do estudo, que permitiriam uma compreensão mais aprofundada de como se fundam e onde se encerram os processos específicos de transmissão psíquica no caso desta mãe e deste filho. Sugerimos ainda, pela riqueza em que se constituiu como forma de aceder a dinâmicas relacionais, a possibilidade de se alargar a investigação através da aplicação conjunta do instrumento Rorschach, para fins de investigação e/ ou clínicos, a outros grupos ou famílias.

Por último importa referir que a aprendizagem que este estudo possibilitou não se encerra neste momento, e possivelmente só a partir dele, das possibilidades de

criação e simbolização que gerou, se constituirão novos caminhos, na procura de novos conhecimentos e novos significados.

Referências Bibliográficas

- Badaracco, J. (1986). La Identificación y sus vicisitudes en la psicosis. La importância del concepto “Objeto Enloquecedor”. *International Journal of Psycho-Analysis*, 67, 217-227.
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1963)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1970)
- Bion, W., R. (1952). Group dynamics: a review. In *Experiences in Groups New York: Basic Books*. p. 141-192.
- Bion, W., R. (1959). Attacks on Linking. *International Journal of Psycho-Analysis*. 40. 308-316.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Correa, O. (2003). Transmissão Psíquica Entre Gerações. *Psicologia USP*. 14(3). 35-45.
- Eiguer, A. (2003). Lê role de l’ancêtre. In Geissmann, C., & Houzel, D., *L’enfant, ses parents et le psychanaliste* (pp. 311-322). Paris: Bayard Editions.
- Faimberg, H. (2006). El telescopaje de generaciones: genealogia de las identificaciones alienantes. In *El telescopaje de generaciones: A la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones* (pp. 23-45). Madrid: Amorrortu editores.
- Faimberg, H. (2006). La «escucha de la escucha»: una contribución al estudio de las resistências narcisistas. In *El telescopaje de generaciones: A la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones* (pp. 46-63). Madrid: Amorrortu editores.
- Freud, S. (1969). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1921).

- Freud, S. (1969). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1969). Totem e Tabu. In *Obras Completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. (Vol. XIII, pp. 21-162). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1913 [1912-12]).
- Frie, R. & Reis, B. (2001). Understanding Intersubjectivity: Psychoanalytic Formulations and Their Philosophical Underpinnings. *Contemporary Psychoanalysis*. 37(2).
- Gavancha, S. & Marques, M. E. (2009). O conflito estético na adolescência. *Análise Psicológica*, 27 (3), 269-279
- Godinho, M., Marques, M. E. & Pinheiro, C. (2009). A expressão no Rorschach dos fenómenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. *Análise Psicológica*, 27 (3), 349-363.
- Kaës, R. (1993). *Transmission de la Vie Psychique entre Générations*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2003). *As Teorias Psicanalíticas do Grupo*. Lisboa: Climepsi. (obra original publicada em 1999).
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica* (2.^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Ogden, T. (1992). The Dialectically Constituted/decentred Subject of Psychoanalysis. II. The Contributions of Klein and Winnicott. *International Journal of Psycho-Analysis*. 73.
- Ogden, T. (2004). The Analytic Third: Implications for Psychoanalytic Theory and Technique. *Psychoanalytic Quarterly*. 73(1), 167-196.
- Oneto, M., Marques, M. E. & Pinheiro, C. (2009). A natureza e especificidade do espaço mental através do Rorschach. Um espaço potencial? – Análise de um protocolo de uma paciente limite. *Análise Psicológica*, 27 (3), 331-347.

- Pedinielli, J. L. & Fernandez, L. (2008). *O estudo de caso e a observação clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Pinheiro, C. & Marques, M. E. (2009). O pensar: Suas (im)possibilidades em sujeitos com fibrose quística, através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), 237-245.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach: O Rorschach espaço de interações. *Análise Psicológica*. 4(1), 17-22.
- Rey, G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. Brasil: Thomson Pioneira.
- Rosado, F. & Marques, M. E. (2009). As dimensões antedipianas das organizações limite na narrativa Rorschach. *Análise Psicológica*, 27 (3), 375-384.
- Soares, A. & Marques, M. E. (2009). Crescer por dentro – A barreira de contacto no processo adolescente através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27 (3), 259-267.
- Teixeira, V. & Marques, M. E. (2009). O buraco negro na patologia limite: Um contributo da/ para a técnica Rorschach. *Análise Psicológica*, 27 (3), 281-293.
- Tight, M. (2010). The curious case of case study: a viewpoint. *International Journal of Social Research Methodology*. 13(4), 329-339.
- Viegas, J. & Marques, M. E. (2009). O Rorschach e o agir na patologia borderline: A alucinação negativa e a simbolização. *Análise Psicológica*, 27 (3), 295-306.
- Willi, J. (1978). Passation en Commun du Rorschach un test d'interaction direct. *Bulletin De Psychologie*. vol.339, 279-282.

ANEXOS

Anexo A – Protocolo conjunto do Rorschach

Tempo total de aplicação: 59 minutos / Tempo latência médio: 3-5 segundos

Mãe: 72 anos Filho: 48 anos

	M: Mãe	F: Filho
M: Vamos ver se isto é uma tarefa para mim...	Comentário subjectivo	
<p style="text-align: center;">I</p> <p>F: 1) É uma folha de uma árvore</p> <p>M: Agora sou eu?...</p> <p>Acho que não vejo nada. (agarra o cartão). Estou com um problema, eu sei o que quero dizer mas as palavras fogem-me. Para mim não é folhas, é outra coisa qualquer.</p> <p>2) Uma coisa que eu não sei definir, é quase um pássaro...</p> <p>F: É a tua opinião, mas... não, não</p> <p>M: As duas pontas... foi o que me fez... (laterais meio)</p>	<p>Eq. ch.</p> <p>G F + A Ban</p>	Gbl F+ Planta
<p style="text-align: center;">II</p> <p>F: 3) Também é uma folha de uma árvore</p>	M: olha para o filho e permanece a observar	Gbl F- Planta

<p>M: Fala mais alto</p> <p>F: Está pintado... tem uns tons de vermelho (...) é para embelezar, não sei. (Ri, fica a olhar para o cartão)</p> <p>4) São as sombras (aponta cinzento)... no fundo é uma folha de uma árvore, a tinta é que... É para realçar o preto... Não é preto é cinza.</p> <p>M: Já estás despachado? Eu não vou lá... (Agarra o cartão) Não consigo especificar o que é... olho mas não consigo lá chegar... Estas pontas aqui (verm inf)... diz-me qualquer coisa mas não consigo lá chegar.</p>	<p>Crítica</p> <p>M: olha para o filho e sorri</p> <p>Recusa</p> <p>Ch. Cor.</p>	<p>G FC' Planta (F-)</p> <p>Coment. Cor</p>
<p style="text-align: center;">III</p> <p>F: 5) Continua a folha de árvore mas está cada vez mais desvanecida. Já está quase a desaparecer...</p> <p>(num tom muito baixo) estes bocadinhos de tinta vermelha.</p> <p>M: Falas baixinho</p> <p>F: (num tom mais alto) É para fazer sempre contraste, contraste... contraste.</p> <p>M: Zero! Não vou dizer o que ele diz... eu não consigo definir</p>	<p>Aproximam-se os dois do cartão</p> <p>Crítica</p> <p>Recusa</p>	<p>G F- Planta</p> <p>Coment. Cor</p> <p>Comentário</p>

<p>F: Então não consegue?!</p> <p>M: (Manipula o cartão) Oh Chico não!...</p> <p>F: A minha mãe prefere escrever, o meu pai preferia desenhar (sorri)</p>		<p>Comentário subjectivo</p>
<p style="text-align: center;">IV</p> <p>M: (comentário) É uma fartura! É tudo baseado no mesmo género.</p> <p>F: 6) Podemos dizer é outra folha mas outra forma.</p> <p>7) Isto aqui parece umas omoplastas (laterais sup).</p> <p>8) Aqui é coluna (D inf central)</p> <p>M: Aqui é coluna?.. (D sup)</p> <p>F: Não. A coluna é aqui (D inf).</p> <p>9) Faz lembrar um morcego.</p> <p>M: 10) Tem lógica tem essa, dá-me essa ideia...</p>	<p>Crítica ao material</p> <p>G F- A</p>	<p>G F- Planta</p> <p>D F+ Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>G F- A</p>

<p style="text-align: center;">V</p> <p>F: 11) Esta parece mesmo um morcego</p> <p>M: 12) Pois é! Eu também diria que é um morcego.</p>	<p style="text-align: center;">G F+ A Ban</p>	<p style="text-align: center;">G F+ A Ban</p>
<p style="text-align: center;">VI</p> <p>M: boceja e puxa o cartão para si</p> <p>F: 13) Esta é diferente. Uma borboleta. (D Inf)</p> <p>M: Mas eu não vou lá...</p> <p>F: 14) É um louvadeus mãe, o que é que acha?</p> <p>M: Não sei filho, não consigo lá ir.</p> <p>F: Eu brincava com eles no meu pátio.</p>	<p style="text-align: center;">Recusa</p> <p style="text-align: center;">Recusa</p>	<p style="text-align: center;">D F- A</p> <p style="text-align: center;">D F- A</p> <p style="text-align: center;">Comentário Subjectivo</p>
<p style="text-align: center;">VII</p> <p>F: 15) Isto é um veiozinho (D inf central)</p> <p>M: 16) Eu acho que é a sequência uns dos outros... sei lá!.. Eu diria assim que pareciam nuvens mas isto do meio (D inf) já não dá.</p>	<p>M: (abre a boca como espantada) Eq. Choq</p> <p style="text-align: center;">D F+- nuvens</p>	<p style="text-align: center;">D F + - Veio</p>

<p>F: 17) Pois! Isto são umas asas e aqui nuvens (laterais do centro) e aqui nuvens (o resto)</p> <p>M: 18) Ah! És capaz de ter razão</p>	<p>D F+- Ad</p> <p>D F+- Ad</p>	<p>D F+- Ad</p>
<p>VIII (+++)</p> <p>M: (Expressão de deslumbre)</p> <p>19) Cá continuamos... como eu digo coluna vá lá... (eixo simetria) cá continuamos com esta situação.</p> <p>F: Aqui é bonito o verde</p> <p>M: 20) Aqui dá ideia que é um bicho (laterais)</p> <p>F: Ah... de um lado e de outro.</p> <p>M: 21) E aqui em cima parece o corpo em aberto de um bicho destes (cinza sup) Aqui (rosa inf) ...Tu sabes! Esta parte aqui (aponta para o coxis)</p> <p>F: 22) O coxis</p> <p>M: 23) Ah... Mas aqui estou muito certa, um leãozinho</p> <p>F: 24) Um bicharoco... Um bicharoco</p>	<p>Debruçam-se ambos sobre o cartão</p> <p>Com. Sime. D F- Anat</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F- Ad</p> <p>D F+ A Ban</p>	<p>Coment. Cor</p> <p>D F+ Anat</p>

(rosa lateral)		D F+ A Ban
<p style="text-align: center;">IX</p> <p>F: 25) Este é bonito. Eu vejo sempre aqui este veiozinho (eixo de simetria)</p> <p>M: 26) Aqui parece um olhinho (ddbl no verde) 27) e aqui um focinho, de um lado, do outro já não parece igual.</p> <p>F: 28) Estes dois buraquinhos (Dbl no verde)</p> <p>29) A folha já se está a decompor.</p> <p>30) Isto faz lembrar radiografias, levando para o caso da medicina.</p> <p>M: Pois é isso...</p>	<p>Debruçam-se os dois sobre o cartão, aproximam-se</p> <p>Dd bl F- Ad</p> <p>Dd bl F- Ad</p> <p>Comentário</p>	<p>(Coment. Simet)</p> <p>D F+- Veio</p> <p>Dbl F- buraco</p> <p>G F- Planta</p> <p>G F- Anat</p>
<p style="text-align: center;">X</p> <p>M: Na última tem mais para definir</p> <p>31) Aqui dá outra vez a ideia de coluna (sup cinza meio)</p> <p>F: De um bicho, de um morcego</p> <p>M: 32) Aqui dá a ideia de omoplatas (cinza lateral)</p> <p>33) Aqui dá a ideia de pássaros (verde sup)</p> <p>F: (ri) Não me parece mãe</p>	<p>D F +- Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>D F- A</p>	

<p>M: Eu dei a minha opinião, agora dá a tua, diz lá o que te parece</p> <p>F: 34) São bicharocos</p> <p>35) É raio-x... Pois</p> <p>36) É o fim da coluna (verde inf)</p> <p>M: Mas não digas por eu estar a dizer.</p> <p>37) E aqui ajuda-me (aponta cinza sup)... as vértebras. Mas pensa por ti...</p> <p>F: 38) Pronto um raio-x de um bicho... as asas (rosa) aqui tem a continuação, são os tons de azul (azuis laterais)</p> <p>M: Oh!... falas para dentro.</p> <p>F: Isto é a continuação das asas (azul) e aqui a estrutura óssea (rosa)</p> <p>M: Pois aqui sim (rosa) mas as asas não vejo.</p> <p>39) Aqui parece-me um passarinho na árvore (verde)</p> <p>F: A minha mãe vai ao pormenor.</p> <p>40) A mim parece-me um peixinho (verde)</p> <p>M: Se a ti te parece um peixinho pode ser um peixinho (verde)</p>	<p>D F- Anat</p> <p>D F- Anat</p> <p>Crítica</p> <p>D F- A</p>	<p>D F+- A</p> <p>G FE raio-x</p> <p>D F- Anat</p> <p>G F- raio-x</p> <p>Coment. Cor.</p> <p>D F- A</p>
---	--	---

<p>41) e aqui (azul) até pode ser uma alga. 42) Sim aí pode ser um peixinho.</p> <p>F: O quê?... Uma alga? Sim...</p> <p>M: Mas és capaz de ter mais razão que eu.</p> <p>43) Até parece um peixe grande (rosa)</p> <p>F: 44) Sim aqui (cinza) parece um bacalhau.</p> <p>M: 45) Mas eu estava a pensar mais num tamboril, raia. A raia também é um peixe grande.</p>	<p>D F+- Alga D F- A</p> <p>D F- Ad</p> <p>D F- A Num tom mais baixo</p>	<p>D F- A</p>
--	--	---------------

Anexo B – Psicograma Conjunto

R: 45 Recusas: 4 (II, III, VI) Temp. Tot.: 59' Temp. lat. med. 4''	G: 13 Gbl: 2 G%: 33% ↑	F: 43 F+: 9 F-: 26 F +/-: 8	A: 17 Ad: 6 H: 0 Hd: 0	F%= 96% ↑↑ F% alarg.: 100% F+%= 40% ↓↓ F+% alarg.: 29%
Sucessão: — — T. Apreensão: <u>G</u> D Ddbl Dbl	D: 27 D%: 60% Dbl: 1 Dbl%: 2% ↓ Dd bl: 2 Dd%: 4% ↓	FC': 1 (-) FE: 1 (-)	Planta: 6 Alga: 1 Nuvens: 1 Buraco: 1 Veio: 2 Raio-x: 2 Anat.: 9	A%: 51% ↑ H%: 0
TRI : 0:1/2 Extratensivo puro FC: 0:1/2 Extratensiva puro RC%: 60% ↑ I.A.: 20			Ban: 6	Elementos Qualitativos Eq. Choque: 1 Perser.: 4 Com. Cor.: 5 Com. Sime.: 2 Crit. Obj.: 1 Com. Subj.: 3
Prova das Escolhas: + F: V e II M: VIII e X - F: IV e VI M: VI e III				

Anexo C – Psicograma Filho

R: 25 Temp. Tot.: 59' Temp. lat. med. 2''	G: 10 Gbl: 2 G%: 48% ↑	F: 23 F+: 5 F-: 14 F +-: 2	A: 8 Ad: 1 H: 0 Hd: 0	F%= 92% ↑↑ F% alarg.: 100% F+%= 30% ↓↓ F+% alarg.: 28%
Sucessão: — T. Apreensão: <u>G</u> <u>D</u> <u>Dbl</u>	D: 12 D%: 48% ↓ Dbl: 1 Dbl%: 4% ↑	FC': 1 (-) FE: 1 (-)	Planta: 6 Buraco: 1 Veio: 2 Raio-x: 2 Anat.: 5	A%: 36% H%: 0
TRI : 0:1/2 Extratensivo puro FC: 0:1/2 Extratensivo puro RC%: 48% ↑ I.A.: 20			Ban: 2	Elementos Qualitativos Perser.: 4 Choque Cor.: 4 Com. Sime.: 1 Com. Subj.: 2
Prova das Escolhas: + F: V e II - F: IV e VI				

Anexo D – Psicograma Mãe

R: 20 Recusas: 4 Temp. Tot.: 59' Temp. lat. med. 4''	G: 3 G%: 15% ↓	F: 20 F+: 4 F-: 12 F +/-: 4	A: 9 Ad: 5 H: 0 Hd: 0	F%= 100% ↑↑ F+%= 30% ↓↓
Sucessão: T. <u>Apreensão</u> : <u>G</u> _D Ddbl Dbl	D: 15 D%: 75% ↑ Dd bl: 2 Dd%: 10% ↑↑		Alga: 1 Nuvens:1 Anat.: 4	A%: 51% ↑ H%: 0
TRI : 0:0 Coartado FC: 0:0 Coartado RC%: 75% ↑ I.A.: 20			Ban: 4	Elementos Qualitativos Eq. Choque: 2 Choq. Cor.:1 Com. Sime.: 1 Crit. Obj.: 1 Com. Subj.: 1
Prova das Escolhas: + M: VIII e X - M: VI e III				